II

COLEÇÃO

GRANDES GUERRAS

AVENTURAS NA HISTÓRIA

EDIÇÃO 2 • OUTUBRO 2004

GUERRA DO VIETNÃ

1965 – 1975

ENSAIO GERAL: O EXEMPLO DA CORÉIA • O MASSACRE DE CIVIS EM MY LAI • DROGAS NOS CAMPOS DE BATALHA • PAZ E AMOR: O POVO CONTRA O CONFLITO • O GENERAL GIAP TOMA SAIGON • AS ARMAS DECISIVAS • A GUERRA DO ROCK'N'ROLL E DO CINEMA

Uma guerra muito familiar

Todos nós, de certa forma, vivemos o Vietnã. Quem não assistiu a *Apocalipse Now*, a obra-prima de Francis Ford Coppola, ou *Platoon*, o clássico de Oliver Stone? Quem nunca ouviu Bob Dylan cantando *Masters of War*, o hino da geração "paz e amor"? Pois é. Talvez por isso a "guerra dos Estados Unidos", como os vietnamitas chamam a refrega, tenha mexido tanto com a equipe da segunda edição da *Coleção Grandes Guerras*. É muito familiar, muito próxima dos nossos dias. A turma do texto chafurdou nas trilhas das selvas asiáticas. E arrebanhou reportagens viscerais, que traduzem a garra dos combatentes do Vietnã na sanha de liberdade e o desespero dos soldados americanos, que nem sabiam por que lutavam. Da Holanda, onde vive hoje, o ativista John Sinclair, um símbolo da rebeldia da juventude daqueles anos, deu um testemunho hiper-realista do que foi tal insanidade. Enfim, cada página traz informações contundentes da crueza e também da revolução que o conflito causou no comportamento do povo do mundo inteiro. A trupe do visual merece uma salva de palmas. O ilustrador Kako e o quadrinhista Bruno D'Angelo deram um show à parte. E os designers Fábio Silveira e Isabella Rodrigues montaram uma guerrilha, conseguindo exprimir com criatividade a guerra mais pop de todos os tempos.
Boa leitura!

KARLA MONTEIRO
EDITORA

O conflito do Vietnã é a pior lembrança na memória dos americanos

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Editor: Roberto Civita
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), José Roberto Guzzo, Maurizio Mauro

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora Corporativa de Publicidade: Thais Chede Soares B. Barreto

Diretor Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Diretor de Redação: Adriano Silva
Diretor de Arte: Alceu Chiesorin Nunes
Editores: Celso Miranda (texto), Débora Bianchi (arte), Luiz Iria (infografia)

GRANDES GUERRAS

Colaboraram nesta edição: Karla Monteiro (edição de texto), Fabio Silveira (edição de arte), Isabella Rodrigues (design), Eliza Muto (subedição de texto), Enedina Quinelato (revisão)

www.aventurasnahistoria.com.br

Apoio editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti **Serviços Editoriais:** Wagner Barreira **Depto. de Documentação e Abril Press:** Grace de Souza **PUBLICIDADE: Diretor de Publicidade:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Baisi Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Letícia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo (SP) e Edson Melo (RJ) **Gerentes de Publicidade:** Marcos Peregrina Gomez (SP) e Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Emiliano Hansenn, Heraldo Evans Neto, Marcello Almeida, Renata Miolli (SP), Cristiano Rygaard e Yann Gellineaud (RJ). **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Ricardo Ciandaruso **Gerente de Produto:** Gabriela Yamaguchi **Estágiario:** Paulo Magalhães **Projetos Especiais:** Cristiana Cardoso **Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **Planejamento e Controle:** Fábio Luís dos Santos e Renata Antunes **Processos:** Ricardo Carvalho e Irla Ferneda **NÚCLEO ABRIL DE PUBLICIDADE: Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado e Fernando Sabadin **Gerente de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14° andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037-6564, **Classificados:** 0800 132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte:** R. Fernandes Tourinho, 147, Sala 303, Bairro Savassi, CEP 30112-000, Vania R. Passolongo, tel.: (31) 3282-0630, fax.: (31) 3282-8003 **Blumenau:** R. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M.Marchi Representações Ltda., tel.: (47) 329-3820, fax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN, Q 01 Bloco Ed. Brasília Trade Center, 14° andar, Sala 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tels.: (61) 315-7554/55/56/57, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** R. Conceição, 233, 26° andar, Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações Ltda., telefax: (19) 3233-7175 **Cuiabá:** R. Diamantino, 13, Quadra 73, Morada da Serra, CEP 78055-530, Fênix Propaganda Ltda. **Curitiba:** Av. Cândido de Abreu, 776, 6° andar, salas 601/602, Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid e Ivan Rizental, tel.: (41) 250-8000, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sala 301, Comercial Via Lagoa, Lagoa da Conceição, CEP 88062-060, Interação Publicidade Ltda., tel.: (48) 232-1617, fax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** Av. Desembargador Moreira, 2020, Salas 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, Midiasolution Repres. e Negócios em Meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** R. 10, n° 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda., tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** R. Dona Francisca, 260, Conjunto 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax.: (47) 433-2725 **Londrina:** R. Adalcimar Regina Guandalini, 392, Jardim das Américas, CEP 86076-100, Press Representações e Publicidade, telefax: (43) 3357-1122, fax: ramal 24 **Manaus:** Av. Joaquim Nabuco, 2074, Loja 2, Centro, CEP 69020-070, Paper Comunicações, tels.: (92) 9971-9123, telefax: (92) 233-1892/231-1938 **Porto Alegre:** Av. Carlos Gomes, 1155, Sala 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3327-2850, fax: (51) 3327-2855 **Recife:** R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sala 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto:** R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermidia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1° andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, tel: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** Av. Tancredo Neves, 805, Sala 402, Ed. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41810-021, AGMN Consult. Publ. e Repres. Ltda., telefax: (71) 341-4992/4996/1765 **Vitória:** Av. Rio Branco, 304, 2° piso, Loja 42, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 3325-3329

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Negócios:** Exame, Você S/A **Jovem:** Almanaque Abril, Cartoon, Disney, Guia do Estudante, Heróis, Heróis da TV, Pica-Pau, Recreio, Simpsons, Spawn, Witch, Capricho, Playboy **Estilo:** Claudia, Elle, Estilo de Vida, Manequim, Manequim Noiva, Nova **Turismo e Tecnologia:** Aventuras na História, Guia Quatro Rodas, Info, Mundo Estranho, National Geographic, Placar, Quatro Rodas, Revista das Religiões, Superinteressante, Viagem e Turismo, Vip **Casa e Bem-Estar:** Arquitetura e Construção, Boa Forma, Bons Fluidos, Casa Claudia, Claudia Cozinha, Saúde!, Vida Simples **Alto Consumo:** Ana Maria, Contigo!, Faça e Venda, Minha Novela, Tititi, Viva Mais! **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

COLEÇÃO GRANDES GUERRAS edição 2 (EAN 789.3614.022956), outubro de 2004, é uma publicação especial da Editora Abril S.A. **COLEÇÃO GRANDES GUERRAS** não admite publicidade redacional.
Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112. Demais localidades: 0800-704-2112.
www.abrilsac.com; Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121,
Renova Fácil: 5087-2145 fax: 5087-2100 Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Maurizio Mauro
Vice-Presidentes: Deborah Wright, Emilio Carazzai, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

www.abril.com.br

©DIVULGAÇÃO

SUMÁRIO

Helicópteros americanos aterrissam próximo a Bong Son, no Vietnã do Sul, em 16 de fevereiro de 1966

1954
O Vietminh derrota os franceses. A Conferência de Genebra divide o Vietnã em dois.

1960
Surge a Frente Nacional para a Libertação do Vietnã, conhecida como guerrilha vietcongue.

1964
Golfo de Tonkin: americanos acusam vietnamitas de afundar um navio. É o pretexto para a invasão.

1965
Primeiras tropas de combate americanas desembarcam em Da Nang.

1967
Protesto anti-guerra reúne 100 mil pessoas em Nova York.

1968
Vietnamitas lançam a ofensiva do Tet. Lyndon Johnson desiste da reeleição.

1969
Nixon é eleito. Morre Ho Chi Minh. E as tropas americanas começam a deixar o Vietnã.

1970
Forças americanas no Vietnã do Sul invadem o Camboja para desmantelar bases vietcongues.

1971
Soldados dos Estados Unidos e do Vietnã do Sul invadem o Laos.

1973
Os Estados Unidos e o Vietnã do Norte assinam acordo de cessar-fogo em Paris.

1974
Caso Watergate: Nixon renuncia.

1975
Exército norte-vietnamita toma Saigon e encerra o conflito.

MAPAS

Por Fabiano Onça
Mapas Paulo Nilson

1960 a 1968

A ESCALADA DA GUERRA

Com a rendição da França em 1954, o Vietnã vislumbrou a liberdade. No acordo de paz, assinado em Genebra, no entanto, os derrotados franceses, com o apoio dos Estados Unidos, forçaram a divisã o do país. O mundo vivia a Guerra Fria. O Vietnã do Norte ficou com os comunistas. E o Vietnã do Sul, sob o comando capitalista. Uma eleição foi prevista para 1956. Só que a consulta popular não aconteceu. Os americanos apadrinharam o novo dirigente sulista, Ngo Dinh Diem, que deu início a um regime de repressão. Em resposta, a oposição organizou a guerrilha. Em 1960, surgia a Frente para a Libertação Nacional, o Vietcongue. Em 1961, John Kennedy enviou observadores militares para a região. Em 1963, a CIA patrocinou um golpe contra o impopular Diem e colocou no lugar uma junta militar. O envolvimento dos Estados Unidos crescia paulatinamente. Em 1964, o país tinha 21 mil homens no país. Quatro anos depois, 550 mil. Em 1968, quando o general Westmoreland pediu mais 200 mil homens, os invasores se deram conta: os vietnamitas queriam – e lutariam com unhas e dentes – a independência.

LYNDON JOHNSON

Empossado após o assassinato de Kennedy, em 1963, Johnson acreditava que os Estados Unidos não deviam parecer fracos aos olhos do mundo. Ordenou o envio de mais tropas ao Vietnã, impulsionando a escalada da guerra. Em 1968, era tão impopular que não foi reeleito.
(leia mais na pág. 26)

INVASÃO DE DA NANG

Quando o governo dos Estados Unidos percebeu que a guerrilha ameaçava controlar o centro do Vietnã, deu a tão esperada ordem: "Desembarquem os *marines*!" Em 8 de março de 1965, os fuzileiros navais desceram a 16 quilômetros de Da Nang. Só aí os americanos entraram de fato no conflito.

ROBERT MCNAMARA

Secretário de Defesa do governo Kennedy, McNamara foi a mão que executou a política anticomunista do presidente. Investiu em forças especializadas em contra-espionagem e tortura.Também aumentou o tamanho do exército: de 2.483.000, em 1961, para 3.550.000 homens, em 1965, quando deixou o posto.

TRILHA HO CHI MINH

A rota estendia-se ao longo da fronteira entre o Vietnã e o Camboja. Era utilizada para despejar soldados e materiais nas redondezas de Saigon. O caminho não passava de um emaranhado no meio da selva. Em alguns trechos, o transporte era feito pelos rios. Em outros, por bicicleta. Pela trilha circulavam até 60 toneladas de equipamentos por dia.
(leia mais na pág. 50)

JOHN KENNEDY

Anticomunista, Kennedy foi o primeiro presidente a intervir de fato no Vietnã. Em 1961, 60 *green berets* – ou boinas-verdes, uma tropa de elite americana – foram enviados ao país como "observadores". Kennedy, entretanto, não imaginava uma grande invasão.

TAILÂNDIA
CAMBOJA
LONG XUYEN
RACH GIA
CAN THO
CA MAU
GIA RAI

OPERAÇÃO ROLLING THUNDER
Durante o bombardeio aéreo, foram despejadas, de 1965 até 1971, nada menos que 6,2 milhões de toneladas de bombas nas cidades do Vietnã do Norte. O objetivo era forçar os comunistas a não apoiar a guerrilha vietcongue e abandonar suas pretensões sobre o Vietnã do Sul.
(leia mais na pág. 14)
INCIDENTE DO GOLFO DE TONKIN
Em 4 de agosto de 1964, o destróier USS Maddox foi "atacado" por torpedos vietcongues no Golfo de Tonkin. Depois, ficou provado que o ataque fora apenas uma farsa, que serviu de desculpa para os Estados Unidos lançarem a Resolução do Golfo de Tonkin.
OFENSIVA DO TET
Durante as comemorações do ano-novo lunar, em 1968, tropas comunistas infiltradas lançaram um ataque-surpresa em todas as grandes cidades do Vietnã do Sul. Embora militarmente tenha sido um fracasso, politicamente foi um sucesso. Demonstrou ao mundo que os vietnamitas ainda tinham forças para lutar.
(leia mais na pág. 26)
REVOLTA BUDISTA EM HUE
Inconformados com a perseguição religiosa imposta pelo governo do Vietnã do Sul, monges budistas iniciaram protestos que chocaram o mundo. Em 29 de maio de 1966, a monja Thich Nu Thanh Quang ateou fogo ao próprio corpo. Seu ato causou comoção e foi o estopim da revolta em Hue, que culminou com a queima do consulado americano por estudantes e religiosos.
(leia mais na pág. 16)
CHINA
VIENTIANE
HANÓI
HAIPHONG
INCIDENTE DO GOLFO DE TONKIN
LAOS
CERCO DE KHE SANH
HUE
DA NANG
TRILHA HO CHI MINH
PLEIKU
QUI NHON
VIETNÃ
BUON ME THUOT
NHA TRANG
DA LAT
PHAN THIET
VUNG TAU
Tragédias civis
Revoltas
Bombardeiros
Ofensiva do Tet
Batalhas

1969 a 1975

SAÍDA À FRANCESA

Em 3 de novembro de 1969, o recém-eleito presidente Richard Nixon iniciou o projeto de "vietnamização" da guerra. Ou seja, a transferência de posições ocupadas por tropas americanas para o exército aliado do Vietnã do Sul. Na prática, os Estados Unidos buscavam uma saída honrosa do atoleiro em que se haviam metido. Dos 550 mil combatentes em 1968, apenas 334 mil permaneceram na Ásia em 1970. No ano seguinte, o efetivo reduziu-se para 156 mil soldados. Enquanto isso, Henry Kissinger negociava os termos de paz em Paris. Mesmo batendo em retirada, as forças americanas ainda realizaram algumas operações. Em 1970, invadiram o Camboja. E, no ano seguinte, o Laos. Mas agora tudo o que Nixon queria era encerrar o conflito. Em 1972, os dois lados concluíram um acordo de paz. Com a saída dos Estados Unidos da guerra, as tropas do Sul duraram pouco. Em 30 de abril de 1975, Saigon caiu nas mãos dos comunistas. O pesadelo americano havia se concretizado.

HENRY KISSINGER

Nascido na Alemanha, Kissinger era secretário de Estado do governo Nixon. É até hoje acusado pelos pacifistas de perpetrar crimes de guerra devido aos bombardeios no Laos e no Camboja. Excelente negociador, garantiu a paz com o Vietnã do Norte em Paris, em 1972. Em 1973, ganhou o Nobel da Paz, embora muitos achassem isso uma ironia.

(leia mais na pág. 44)

RICHARD NIXON

Eleito pelos americanos para encerrar o conflito, Nixon promoveu uma retirada gradual das tropas, embora desse suporte a incursões clandestinas de tropas no Laos e no Camboja, e permitisse a execução de maciças campanhas de bombardeio aéreo cujo único resultado foi a morte de milhares de camponeses.

(leia mais na pág. 44)

NGUYEN GIAP

Estrategista brilhante, Giap comandou o exército comunista desde a sua fundação, em 1940, quando os vietnamitas lutaram contra a ocupação japonesa. Foi ele o responsável pela rendição francesa em Dien Bien Phu, em 1954, pondo fim à guerra da Indochina. E foi também Giap o líder do exército do Vietnã do Norte na guerra contra os Estados Unidos.

(leia mais na pág. 26)

TRAGÉDIA DE TRANG BANG

Em 8 de junho de 1972, um avião da Força Áerea do Vietnã do Sul despejou napalm sobre uma suposta posição vietcongue. As vítimas eram, na verdade, civis, como a pequena Phan Thi Kim Phuc, que tinha apenas 9 anos na época. O episódio chocou o mundo e escancarou a brutalidade do conflito.

(leia mais na pág. 14)

A QUEDA DE SAIGON

A capital do Vietnã do Sul caiu no dia 30 de abril de 1975, sem luta. O presidente Duong Van Minh pediu a suas tropas que entregassem as armas e evitassem o derramamento de sangue. Horas antes da declaração de rendição, helicópteros americanos promoveram o frenético embarque dos últimos funcionários da embaixada.

(leia mais na pág. 44)

TAILÂNDIA
CAMBOJA
TRAGÉDIA DE TRANG BANG
DONG XOAI
LONG XUYEN
SAIGON
QUEDA DE SAIGON
RACH GIA
CAN THO
CA MAU
GIA RAI

BOMBARDEIO NATALINO
Para dissuadir os norte-vietnamitas a voltarem para a mesa de negociações, Nixon ordenou um bombardeio sem precedentes às cidades de Hanói e Haiphong. A operação foi denominada Bombardeio Natalino. Começou no dia 18 de dezembro de 1972. Em onze dias, 40 mil toneladas de bombas foram lançadas.
(leia mais na pág. 14)
INVASÕES NO CAMBOJA
Exasperados pela facilidade com que armas e equipamentos fluíam do Vietnã do Norte para a guerrilha no Vietnã do Sul através da trilha Ho Chi Minh, os americanos tentaram por várias vezes cortar o canal, realizando incursões clandestinas aos territórios do Laos e Camboja, sem grande sucesso.
(leia mais na pág. 13)
A MORTE DE HO CHI MINH
O grande estadista Ho Chi Minh não viveu para ver o Vietnã unificado. Morreu no dia 3 de setembro de 1969. Mas foi ele o mentor da revolução comunista no Vietnã, que começou com a expulsão dos japoneses durante a II Guerra Mundial.
(leia mais na pág. 10)
O MASSACRE DE MY LAI
Em 16 de março de 1968, um grupo de soldados americanos, em uma operação de vingança, assassinou quase todos os habitantes de uma pequena vila vietnamita: 504 civis foram mortos, a maioria idosos, mulheres, crianças e bebês. O caso escandalizou o mundo.
(leia mais na pág. 18)
CHINA
VIENTIANE
HANÓI
HAIPHONG
CHRISTMAS BOMBING
MASSACRE DE MY LAI
CERCO DE KHE SANH
LAOS
HUE
HAMBURGER HILL
DA NANG
PLEIKU
QUI NHON
VIETNÃ
BUON ME THUOT
INVASÕES CLANDESTINAS NORTE-AMERICANAS
NHA TRANG
DA LAT
PHAN THIET
VUNG TAU
Tragédias civis
Revoltas
Bombardeiros
Ofensiva do Tet
Batalhas

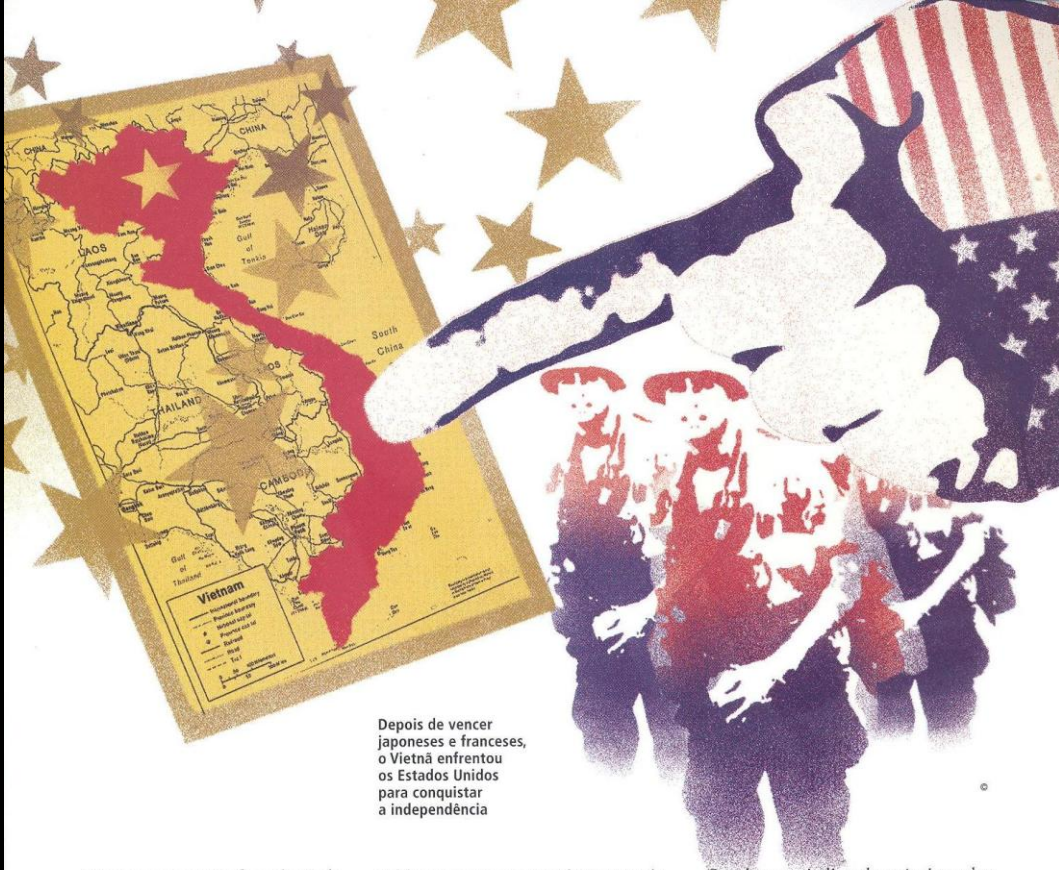
Independência ou morte

Apanhado no redemoinho da II Guerra e rachado ao meio pela Guerra Fria, o Vietnã encarou três conflitos na sanha de liberdade

Por Cristiane Rogerio

A briga por um Vietnã unido e livre começou muitos anos antes de os americanos aterrissarem seus helicópteros naquele pedaço de chão. Mais precisamente no ano de 1941, época em que o mundo chafurdava nas mazelas da II Guerra. Primeiro, os vietnamitas, liderados pelo comunista Ho Chi Minh, um sujeito de aparência frágil e ideais inabaláveis, varreram do seu território os japoneses, que haviam ocupado a região. Em seguida, travaram uma batalha de oito anos contra a França, na chamada Guerra da Indochina. De ambos os conflitos, saíram vitoriosos. Mas o triunfo sobre as duas grandes potências não garantiu a tão almejada independência. Nas negociações de paz com os franceses, em Genebra, o Vietnã acabou dividido ao meio. Os comunistas ficaram com o norte. E um governo de orientação capitalista abocanhou o sul. A Guerra Fria havia rachado o Vietnã e plantado o embrião da pendenga com os Estados Unidos, que se estenderia de 1965 até 1975.

Durante a ocupação japonesa, o Vietnã fazia parte da Indochina, domínio francês desde o século 19. Com a invasão nipônica, Ho Chi Minh, um veterano militante das fileiras comunistas mundo afora, voltou para casa e deu início ao movimento guerrilheiro que entrou para a história com o nome de Vietminh. Ele e seus homens encararam o poderio inimigo com técnicas caseiras, que incluíam túneis subterrâneos, armadilhas e ataques-surpresa. Nascia nesse momento, diga-se, o embrião da mais bem-sucedida guerrilha do mundo. Quando, em agosto de 1945, o Japão se rendeu, o Vietminh proclamou a independência da Indochina com o nome de República Democrática do Vietnã. Só que a França não estava disposta a perder a valiosa colônia. Em 1946, o general Charles de Gaulle ordenou que suas tropas sufocassem os rebeldes e restaurassem o domínio franco. Mais uma vez, Ho Chi Minh usou em seu favor a paciência e a determinação para sustentar uma longa guerrilha.

A guerra da Indochina durou oito sangrentos anos. Os homens de Ho Chi Minh combateram nos arrozais e montanhas do Vietnã, desgastando o inimigo europeu lentamente. O líder comunista extraiu da luta contra os gauleses uma lição política. Percebeu que a longevidade do conflito jogava a seu favor. A sociedade francesa passou a questionar De Gaulle sobre o custo humano e material da guerra que até 1952 já havia produzido 90 mil baixas. O mesmo aconteceria, aliás, na guerra contra os Estados Unidos. A vitória final sobre a França veio em 1954, com um golpe de mestre do general Vo Nguyen Giap, braço direito de Ho Chi Minh. Enquanto os franceses se preocupavam em estabelecer um complexo defensivo em Dien Bien Phu para bloquear a rota de fuga para o Laos, Giap mandou cavar trincheiras em volta da fortaleza inimiga e montou uma operação para transportar os canhões enviados pelos chineses até o local. Os armamentos eram desmontados e levados de bicicleta por trilhas no meio da densa mata. Assim, em março, 11 mil soldados gauleses foram surpreendidos por 50 mil combatentes comunistas – e por uma artilharia que nem sonhavam existir.

Depois de vencer japoneses e franceses, o Vietnã enfrentou os Estados Unidos para conquistar a independência

Mesmo com o triunfo, a almejada liberdade não estava conquistada. Os Estados Unidos impediram a unificação do país e mantiveram um regime-satélite na parte sul do Vietnã. O país foi dividido em duas porções pelo paralelo 17. O norte era dominado pelos comunistas de Ho Chi Minh e o sul, pelos nacionalistas liderados por Ngo Dinh Diem, sob a influência americana. Dessa vez, os interesses dos Estados Unidos não eram econômicos, mas ideológicos. Com a revolução vitoriosa no norte, os americanos viram a necessidade de deter o avanço da onda vermelha. Em 1954, o presidente Dwight Eisenhower justificou a posição do seu país na região: "Se vocês colocarem uma série de peças de dominó em fila e empurrarem a primeira, logo acabará caindo até a última. Não permitiremos que os comunistas conquistem o Vietnã. Corre-se o risco de se provocar uma reação em cadeia e todos os Estados da Ásia Oriental tornar-se-ão comunistas, um após o outro."

O velho Minh, então com 66 anos, acreditou que o Vietnã seria unido pelas eleições de 1956, como previa o acordo de Genebra. A visão do general vietnamita era partilhada pelo próprio Eisenhower, que escreveria em suas memórias: "Eu nunca conversei com nenhum correspondente ou pessoa com conhecimentos sobre esta questão que não concordasse que, se houvesse eleições, 80% da população votaria no comunista Ho Chi Minh." Só que as eleições nunca aconteceram. Com o apoio dos Estados Unidos, Ngo Dinh Diem proclamou a independência do Vietnã do Sul. Uma revolta popular explodiu. O reduto capitalista do país virou alvo de ataques terroristas. Só naquele ano, cerca de 1.200 oficiais do governo foram mortos em emboscadas. Ho Chi Minh era contra o terror. Mas, diante do recrudescimento do conflito, organizou a Frente Nacional para a Libertação do Vietnã do Sul, sua última missão como estadista. Começava aí a guerra que mudaria a reputação política e moral dos Estados Unidos para sempre. E, enfim, unificaria o Vietnã.

SAIBA MAIS

LIVROS

***A Guerra do Vietnã*, de Nelson Bacic Olic, Coleção Polêmica, Editora Moderna, 1988**

SITES

http://www.militarypower.com.br/frame4-warViet45.htm
http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/guerra_vietna5.htm

THE Viet Po

POR FÁBIO MARTON

O que significa vietcongue?

A palavra vietcongue é a forma abreviada para Viet Nam Cong San, que no idioma local significa "comunista vietnamita". O termo foi cunhado no Vietnã do Sul ainda nos anos 50, para descrever os inimigos do regime de Ngo Dim Diem. Os próprios vietcongues, porém, nunca aceitaram a alcunha. Eles se autodenominavam Frente Nacional para a Libertação do Vietnã do Sul, organização cujo braço armado era a Força Armada Popular de Libertação. Vietcongue passou a ser considerado um termo pejorativo e ideologicamente forjado, já que a Frente Nacional de Libertação também dizia englobar guerrilheiros não comunistas.

Como funcionava o agente laranja?

Só para esclarecer: o agente laranja era incolor. Ganhou esse nome porque os barris em que ficavam armazenados tinham uma tarja de identificação cor de laranja. Outros "agentes" menos famosos eram o azul, o branco, o rosa e o roxo. O agente laranja é uma mistura de dois herbicidas agrícolas usados desde os anos 40: os ácidos diclorofenoxiacético e triclorofenoxiacético. Foi despejado em larga escala nas plantações e florestas do Vietnã do Sul para cortar os suprimentos alimentares dos vietcongues e facilitar os ataques americanos. Quando caía sobre a mata, não deixava uma única folha nas árvores, facilitando a localização das tropas inimigas. Como era despejado à revelia, tanto americanos quanto vietnamitas foram expostos a seus efeitos, então desconhecidos, que incluem câncer e deformidades em recém-nascidos. O agente laranja acabou banido do uso militar em 1971.

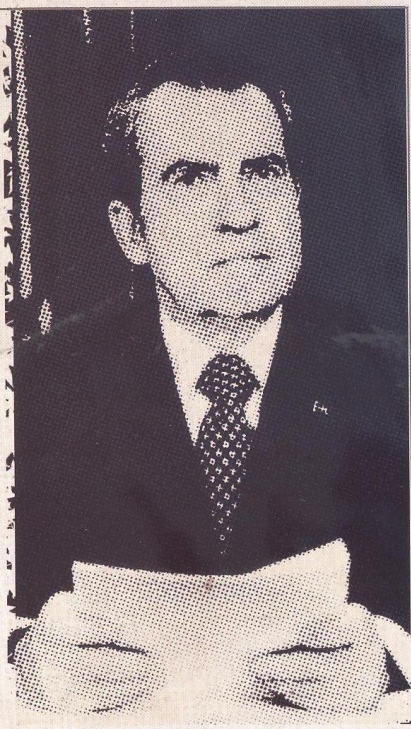
O que foi o Khmer Vermelho?

Com certeza você já ouviu falar no líder desse grupo: Pol Pot. Ele ganhou força e poder no Camboja graças ao sentimento antiamericano causado por ataques ao país durante a Guerra do Vietnã. Para capturar comunistas que se refugiavam no território vizinho, os Estados Unidos passaram a bombardear constantemente o Camboja a partir dos anos 60. O Khmer Vermelho, facção do Partido Comunista do Camboja que durante os anos 50 era filial do Partido Comunista do Vietnã, despontou como a voz do nacionalismo emergente. E, em 17 de abril de 1975, o grupo abocanhou a capital Phnom Penh, derrubando o regime do general pró-americano Lon Nol. Com uma forte ideologia maoísta, o Khmer Vermelho é acusado de assassinar pelo menos um milhão de pessoas. Seu domínio durou apenas quatro anos, sendo derrubado pelo próprio exército comunista do Vietnã unificado. Mas o Khmer Vermelho causou terror até a sua rendição final, em 1999, um ano após a morte de Pol Pot.

Por que "Hamburger Hill"?

Humor negro, sem dúvida. O nome remete à montanha de corpos amontoados na colina 937, na fronteira com o Laos, após uma das mais sangrentas batalhas da guerra. Tombaram ali 630 vietnamitas do norte e 70 americanos. Em 10 de maio de 1969, os Estados Unidos decidiram destruir as bases comunistas no vale A Shaw. No total, 1.800 homens foram recrutados para enfrentar o 29º regimento vietcongue, o "orgulho de Ho Chi Minh". Foram dez dias de embate.

O que era a Doutrina Nixon?

Richard Nixon foi eleito prometendo "acabar com a guerra" – e acabou mesmo. O presidente propôs uma "vietnamização" do conflito. Sua idéia era de que a batalha fosse passada para os vietnamitas do sul, evitando o constrangimento de uma contenda que não tinha objetivos claros e acontecia em um campo no qual os americanos estavam em larga desvantagem. Essa doutrina foi levada a cabo entre 1969 e 1973, culminando com a paz assinada em Paris. Apesar disso, mais soldados morreram e mais ataques aéreos foram efetuados durante o governo Nixon (1969-1973) do que no de seu predecessor, Lyndon Johnson. No final, os vietnamitas do norte ganharam e levaram: invadiram o apadrinhado Vietnã do Sul e reunificaram o país em 30 de abril de 1975, expulsando vergonhosamente os americanos de sua própria embaixada.

O que é napalm?

É uma espécie de gasolina gelatinosa, inventada pela Dow Chemicals em 1942. O nome vem dos dois componentes adicionados para causar o resultado desejado: napteno e palmitato. O napalm, diferentemente da gasolina comum, adere ao alvo e queima devagar. O efeito incendiário é supereficiente. Ao longo dos anos, a composição química do napalm mudou, mas o nome permaneceu. Estima-se que o exército americano tenha usado 338.237 toneladas desse produto durante a Guerra do Vietnã, principalmente em bombas incendiárias lançadas por aviões. Mas também em lança-chamas carregados por tanques, que ganharam o irônico nome de Pelotão Zippo, marca de isqueiros famosa nos Estados Unidos.

Qual a importância do *body count*?

Para sustentar o argumento de que inúmeras vitórias estavam sendo obtidas nos campos de batalha vietnamitas, os americanos usaram a estratégia do *body count* – ou contagem dos corpos inimigos. Só que o *body count* não diferenciava guerrilheiros dos camponeses que também tombavam vítimas da guerra, tornando o número de baixas mais elevado que o índice real. Além disso, algumas unidades passaram a operar por cotas, e a falsificação dos números cresceu ainda mais. Isso sem mencionar a disputa entre a aviação e as forças de terra, reclamando os mesmos cadáveres.

O que foi o incidente em Kent State?

Em 2 de maio de 1975, estudantes da Universidade de Kent State, em Ohio, incendiaram um posto de alistamento do exército em protesto contra os bombardeios no Camboja. Dois dias depois, em mais um protesto dos universitários, a Guarda Nacional – espécie de polícia militar americana – foi chamada para intervir. Os guardas lançaram granadas de gás e receberam pedras em resposta. E abriram fogo, matando quatro estudantes e ferindo nove. Ironicamente, apenas um dos mortos participava do protesto. Os manifestantes ficaram ainda mais furiosos. Só foram contidos com a intervenção do professor Glenn Flank, que pediu aos alunos que evitassem uma carnificina. Hoje há um monumento às vítimas no pátio da universidade.

Quando foi declarada a Guerra do Vietnã?

Nunca. Contrariando a Convenção de Genebra, a Guerra do Vietnã jamais foi formalizada. Nem os Estados Unidos declararam guerra ao Vietnã do Norte, nem o Vietnã do Norte declarou guerra aos Estados Unidos. Muitos estudiosos chamam a Guerra do Vietnã de conflito, já que não houve a formalização exigida pela lei internacional. Na verdade, o embate foi uma série de "auxílios táticos" fornecidos ao Vietnã do Sul. É o tipo de conflito clássico da Guerra Fria, em que a declaração oficial de guerra poderia levar a uma reação em cadeia e, conseqüentemente, à temida Terceira Guerra Mundial. Mesmo sendo uma guerra, digamos, informal, a paz entre os Estados Unidos e o Vietnã do Norte foi assinada em Paris, em 27 de janeiro de 1973.

SAIBA MAIS

SITES

http://www.pbs.org/wgbh/amex/vietnam/
http://www.cnn.com/2000/US/05/04/kent.state.revisit/
http://www.lewispublishing.com/orange.htm

Religioso resiste inerte ao fogo em ritual de auto-imolação, no centro comercial de Saigon, em 5 de outubro de 1963

Em nome de Buda

Em 1963, monges atearam fogo ao próprio corpo nas ruas de Saigon. O protesto silencioso culminou com a deposição do governo do Vietnã do Sul

Por Carla Aranha

No dia 11 de junho de 1963, o monge Thich Quang Duc sentou-se no chão, em posição de lótus, bem no meio de um movimentado cruzamento em Saigon. Calmamente, banhou sua túnica com gasolina, acendeu um fósforo e ateou fogo ao próprio corpo perante o olhar atônito da multidão. Era um protesto contra as arbitrariedades do corrupto governo de Ngo Dinh Diem, que reprimia violentamente o Budismo no Vietnã do Sul. "Enquanto queimava, ele não moveu um músculo, não pronunciou um som. Sua compostura contrastava nitidamente com as pessoas gemendo ao seu redor", relatou David Halberstam, repórter do jornal americano The *New York Times*, que testemunhou o ato de fé do monge vietnamita.

Duc morreu em questão de minutos, cercado por 300 discípulos e outras centenas de vietnamitas que não conseguiam desgrudar os olhos das chamas. Nunca se havia visto nada igual. Todos os que presenciaram a cena se inclinaram em sinal de reverência, inclusive a polícia. Não se pode esquecer que o Vietnã era – e ainda é – um país de maioria budista. Em carta, o religioso explicou às autoridades suas motivações para a auto-imolação. "Antes que eu passe pelo portão de Buda, rezo para que Diem trate o povo com compaixão, mantendo o tesouro da nação, o Budismo, para sempre", escreveu. O ato do monge não foi – pelo menos totalmente – em vão.

Depois da morte do religioso, o católico Ngo Dinh Diem foi obrigado a rever sua política de perseguição aos budistas. As fotos do monge queimando rodaram o mundo, chamando a atenção da opinião pública internacional para a tragédia que acontecia no país. Pressionado, Diem libertou centenas de monges presos em Hue, um importante centro budista no Vietnã do Sul. O governante também se comprometeu a reavaliar a lei que impedia os seguidores de Buda de se reunirem livremente. A pressão externa, no entanto, não foi suficiente. A política de intolerância religiosa continuou por baixo dos panos.

A AUTO-IMOLAÇÃO ERA UMA FORMA DE PROTESTO CONTRA O GOVERNO

No dia 21 de agosto, o irmão de Diem, Ngo Dinh Nhu, liderou um ataque a templos budistas de todo o país, alegando que tais locais abrigavam vietcongues. Mais de 1.400 monges foram presos sob suspeita de colaborar com a guerrilha. O desprezo pelo Budismo era tamanho que a esposa de Nhu chegou a declarar a um repórter americano: "Tudo que os budistas fizeram foi o churrasco de um monge, e nem mesmo à própria custa, já que a gasolina que utilizaram era importada."

MONGES EM CHAMAS

Com a repressão crescente, Duc se tornou um mártir. E um exemplo a ser seguido. Os budistas precisavam chamar a atenção do mundo para a sua causa. Muitos monges optaram, então, pelo sacrifício em praça pública nos meses seguintes. Os estudantes de Saigon apoiaram com veemência os religiosos. Protestos contra o governo explodiram em toda a parte, com religiosos em chamas e jovens enlouquecidos. Foi a gota d'água para a ditadura de Diem. Afinal, o caos político colocava em jogo todo o esforço americano – que vinha ajudando o governo de Saigon desde a década de 50 – para conter o avanço comunista no país do Sudeste Asiático. Os Estados Unidos estavam gastando US$ 1,5 milhão por dia no conflito e 16 mil assessores militares americanos estavam em solo vietnamita. Era preciso deter a sanha religiosa do católico Diem.

As tensões em Saigon culminaram com um golpe de Estado, que contou com o apoio americano. Alguns dos próprios generais do governo de Diem procuraram a embaixada americana em Saigon com planos para depor o ditador. Com a aprovação tácita dos Estados Unidos, em 1º de novembro de 1963, Diem e seu irmão, Nhu, foram capturados e depois assassinados. No ano seguinte, começaria uma das guerras mais sangrentas do século 20.

FRUTO DA FÉ

Em 1963, a adolescente paulista Cláudia Souza, então com 15 anos, viu no jornal fotos dos monges em chamas pelas ruas de Saigon. Ficou tão impressionada que decidiu desvendar os segredos da força daqueles sujeitos. Vinte anos depois, ela se tornou a monja Coen, uma das mais conhecidas budistas brasileiras. Antes de adotar o codinome religioso – que significa "um só círculo" –, raspar a cabeça e vestir a túnica da fé, Cláudia cobriu a guerra do Vietnã, como jornalista do Jornal da Tarde, de São Paulo. Era o ano de 1968.

No início dos anos 70, ela fez as malas e embarcou para a Califórnia, onde pipocavam comunidades budistas. Em 1976, a jornalista se estabeleceu nos Estados Unidos. Lá Coen conheceu o monge Thich Tri Quang, líder dos budistas rebeldes do Vietnã. Ele havia sido expulso do país pelo governo de Diem. "Quang era uma pessoa muito correta, a própria personificação da cultura da paz e da não violência", diz a monja. "Mais uma vez, o meu destino se cruzou com os dos monges vietnamitas."

SAIBA MAIS

LIVROS

O Elefante e o Tigre, História da Guerra do Vietnã, de Gilberto Agostino, Imprinta, 2004

MASSACRE

Horror em My Lai

Em um ataque de fúria, soldados americanos mataram a sangue-frio 504 aldeões vietnamitas. A carnificina foi abafada por um ano

Por Isabelle Somma

Era o dia 16 abril do agitado ano de 1968. Logo nas primeiras horas daquela manhã, os 120 soldados da Companhia Charlie receberam uma missão: "limpar" a aldeia de My Lai. Suspeitava-se que ali, no humilde vilarejo, estivessem escondidos alguns "gooks" – ou lodos, como os americanos chamavam os soldados inimigos. Pouco depois das 8 horas, dois pelotões invadiram o povoado, enquanto um terceiro ficou na retaguarda. Em quatro horas, estava consumada a maior matança de civis da história da Guerra do Vietnã. Os combatentes dos Estados Unidos vasculharam as choupanas, onde se encontravam apenas mulheres, crianças e idosos. Centenas de tiros foram disparados sem alvo certo. As mulheres eram estupradas e mortas. Os homens, torturados e mutilados antes de serem assassinados a sangue-frio. A soldadesca ainda usou baionetas para inscrever "Companhia C" no peito das vítimas. No fim do espetáculo sangrento, o saldo: 504 aldeões abatidos de uma só vez sob a liderança do tenente William Calley.

O massacre de My Lay foi abafado pelos oficiais da companhia por quase um ano. O genocídio só veio a público em 1969, provocando reações de repúdio mundo afora. Durante as horas de atrocidades, não houve sequer um tiro que não tivesse saído das armas dos soldados americanos. Ou seja, a suspeita de que My Lai era esconderijo de combatentes do Vietnã do Norte era falsa. "Pressões psicológicas, medo, raiva e fraca liderança são elementos-chave para explicar tal comportamento brutal", afirma o professor da Universidade Estadual da Califórnia, David L. Anderson, autor de Facing My Lai ("Encarando My Lai", inédito no Brasil) e ex-combatente da Guerra do Vietnã. "Quando o massacre foi divulgado, mostrou o que o conflito estava causando a americanos e vietnamitas. Revelou também os rumos que a guerra tinha tomado em termos de objetivos e custos, e como era urgente um desfecho." Segundo o professor, o pelotão responsável pelo massacre estava há apenas três meses no Vietnã.

Jovens e sem experiência de guerra, muitos soldados da Companhia Charlie entraram em pânico durante a carnifici-

Com ordem para caçar vietcongues, soldados da Companhia Charlie promoveram uma matança de civis

na. O único americano ferido foi um soldado que deu um tiro no pé para não ser obrigado a participar do show de horror que se descortinava à sua frente. Um piloto de um helicóptero que dava cobertura à operação, Hugh Thompson, pousou na frente de um dos pelotões pedindo para que parassem de atirar. Mesmo tendo causado asco em muitos dos combatentes da própria companhia, a verdade sobre o massacre demorou a aparecer. Ao reportar-se a seus superiores, o capitão Ernest Medina disse que haviam morrido apenas 20 civis na ação. De acordo com Anderson, os oficiais também deram ordem de silêncio à tropa. Mas, um ano depois, o recém-chegado Ronald Ridenhour ouviu o relato contado pelos colegas da Companhia Charlie. E, chocado, escreveu às autoridades revelando os bastidores de My Lai. A imprensa publicou a história. Chegava ao fim a terrível farsa.

De todos os oficiais que foram à corte marcial, apenas Calley saiu condenado. Ele teria de cumprir prisão perpétua. Mas não chegou sequer a ficar em uma cela. Durante três anos permaneceu em prisão domiciliar em um forte do exército, no Estado da Geórgia. Em 1974, sua pena acabou comutada para dez anos. E, no mesmo ano, foi perdoado pelo presidente Richard Nixon e libertado. "Era impossível para um tribunal determinar se houve ordens superiores para matar os aldeões. Mas é verdade que os comandantes responsáveis pelo planejamento e a liderança da operação deveriam ter evitado o massacre", diz Anderson. O piloto Hugh Thompson, por outro lado, foi considerado um traidor durante anos, recebendo até ameaças de morte. O reconhecimento pelo ato de heroísmo chegou com mais de três décadas de atraso. Em março deste ano, seu nome entrou para o Hall da Fama da Aeronáutica norte-americana.

SAIBA MAIS

LIVROS

Four Hours in My Lai, de Michael Bilton e Kevin Sim, Penguin Books, 1993

My Lai: A Brief History With Documents, de James Stuart Olson e Randy Roberts, Bedford, 1998

Facing My Lai, de David L. Andrerson, University Press of Kansas, 2000

RECICLAGEM

© TIM PAGE/CORBIS/STOCK PHOTOS

CICATRIZES

Ao final da refrega, o Vietnã estava em frangalhos. Tudo – até a "herança" dos americanos – era útil na reconstrução do país

Por Karla Monteiro

A vitória não salvou a pátria. Em 1975, os vietnamitas conquistaram a tão sonhada liberdade. Haviam expulso do seu território franceses, japoneses e americanos, em três guerras consecutivas. Mas começava naquele ano a saga pela reestruturação do país. Muitos desafios financeiros e sociais precisavam ser enfrentados. O Vietnã viu surgir "do dia para a noite" mais de 3 milhões de desempregados que antes estavam ocupados com o conflito, e cerca de 1 milhão de soldados e oficiais sul-vietnamitas que também ficaram sem trabalho. Nas ruas da antiga Saigon, que passou a se chamar Ho Chi Minh, assistia-se ao quadro desolador de crianças órfãs, mutilados, prostitutas, marginais e mendigos. Nesse cenário, o lixo deixado pelos americanos virou ouro para os vietnamitas. Até os capacetes, símbolo do inimigo, tornaram-se úteis, sendo usados como bacias para lavar roupas e panelas para cozinhar arroz, o único alimento abundante no empobrecido Vietnã.

Até ser embarcadas para o Ocidente, as crianças vietnamitas eram acolhidas em orfanatos improvisados

Carga preciosa

Ao final do conflito, mais de 3 mil órfãos vietnamitas foram resgatados em vôos improvisados para o Ocidente. Nos Estados Unidos, os bebês ganharam um novo lar

Por Natalia Yudenitsch

O avião cargueiro está abarrotado de caixas de papelão, uma após a outra. O conteúdo só é denunciado pelo choro incessante que sai de dentro delas: são bebês. Os pequenos estão dispostos como sardinhas em lata, dividindo o apertado espaço dos caixotes com mais um ou dois companheiros de viagem. Outras dezenas de crianças estão presas por cintos de segurança nos duros bancos de alumínio localizados nas laterais da aeronave. Trata-se de mais um típico vôo da Operação Babylift, que, em abril de 1975, salvou mais de 3 mil órfãos vietnamitas do agonizante cenário que culminou com a queda de Saigon e o final do sangrento conflito, que durou dez anos.

"Os primeiros resgates até que eram organizados. Os últimos, porém, um verdadeiro inferno! Bombas explodiam do nosso lado e o calor dentro dos aviões era tanto que vi vários bebês, já enfraquecidos por doenças, mor-

rerem nos braços das enfermeiras. Foi horrível", emociona-se LeAnn Thieman, ex-voluntária e autora do livro *This must be My Brother* ("Este deve ser Meu Irmão", inédito no Brasil), no qual relata o resgate e a adoção de um bebê vietnamita, seu filho Mitch.

DURANTE A OPERAÇÃO, UM AVIÃO CAIU COM MAIS DE 400 CRIANÇAS A BORDO

A operação foi criada dois anos após a assinatura do tratado de cessar-fogo entre Estados Unidos e Vietnã, em Paris. Na época, grupos humanitários pressionavam o governo americano a criar uma operação de evacuação, tendo como alvo principal as crianças. Assim, em 3 de abril de 1975, o presidente Gerald Ford anunciou a Operação Babylift para salvar 70 mil órfãos. "A verdade é que Ford não tinha muita opção. O resgate já havia começado extra-oficialmente no dia 2 de abril, mesmo sem apoio formal do governo", explica o historiador Ben Kiernan, da Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

O pior, contudo, aconteceu justamente após a oficialização. Durante o primeiro vôo autorizado, um C5A Galaxy – na época o maior avião do mundo – caiu logo após a decolagem de Saigon com mais de 400 crianças e 60 voluntários a bordo. Mas a habilidade dos pilotos, que conseguiram fazer um pouso de emergência, impediu que a tragédia tomasse proporções ainda maiores. "Foi uma manobra heróica, lembrada até hoje nos anais da aviação americana. Os pilotos inacreditavelmente conseguiram virar o avião de volta para Saigon", conta o veterano de guerra John Paul Bollinger, que serviu na 101ª divisão de pára-quedistas da Força Aérea americana. O esforço dos pilotos garantiu a sobrevivência de 170 tripulantes. Entre eles Melody, uma órfã vietnamita adotada pelo ator Yul Brynner, conhecido pelo visual careca e por filmes como o clássico de faroeste *Sete Homens e um Destino*.

Após o acidente, a operação continuou em ritmo frenético, contando com a ajuda de aviões de passageiros, aeronaves de carga e helicópteros. O último vôo deixou o Vietnã em 26 de abril de 1975. Os bebês tiveram como destino, além dos Estados Unidos, Austrália, Canadá e Europa. E viraram coqueluche: apareceram em programas de rádio e TV e geraram um verdadeiro *boom* de interessados em adotar crianças de olhos puxados. A maioria saiu frustrada: os bebês já vinham do Vietnã com seus futuros pais adotivos definidos.

Desconfortável mesmo foi a ação coletiva movida contra o presidente Ford e o secretário de Estado Henry Kissinger no final de 1975. As acusações eram de procedimentos impróprios na evacuação das crianças. Mais grave ainda: muitos dos supostos "órfãos" tinham pais em perfeita saúde, que vieram reclamar seus filhos. Após uma exaustiva jornada de depoimentos, entrevistas e exames, o processo foi encerrado e os réus, absolvidos. ■

SAIBA MAIS

LIVROS

This must be My Brother, de LeAnn Thieman, Victor Books, 1995

The War Cradle, de Shirley P. Barnes, Vintage Pressworks, 2000

SITES

http://www.vietnambabylift.org/

http://www.vietnam.ttu.edu/virtualarchive/

"SENTI SAUDADES DO QUE NEM CONHECI"

Richard F. Barnett, professor em uma pequena escola em Minneapolis, nasceu Nguyen Van Binh. Adotado durante a Operação Babylift, Barnett, hoje com 27 anos, acaba de voltar de sua primeira viagem para sua terra natal: o Vietnã.

Como surgiu o interesse em conhecer o país onde nasceu?

Descobri que Binh, meu nome de registro, significa "paz". Muitos bebês receberam esse nome na época e acho que era uma esperança de tempos melhores. Aprender isso me deu vontade de saber mais sobre minhas origens e acabei indo em um *tour* criado especialmente para os vietnamitas adotados.

E como foi?

Emocionante e ao mesmo tempo doloroso. Muitos não acreditavam que eu era vietnamita, pois sou fruto da união entre uma nativa e um soldado americano. Eu sou ocidental demais para ser vietnamita e asiático demais para ser americano. Ao mesmo tempo, conheci o hospital onde nasci e o que sobrou do orfanato onde fiquei durante os primeiros meses da minha vida. Vi os dois lados da moeda: a miséria e a maravilhosa cultura do que era para ser meu lar. Saí com uma sensação estranha, de saudades de algo que nunca conheci.

Como foi crescer com o peso da guerra?

Tive alguns momentos difíceis na infância. Nos Estados Unidos, éramos a memória viva da derrota amarga sofrida no Vietnã. A questão da adoção inter-racial também incomodava muita gente. Mas só posso me sentir feliz por ter sido salvo e adotado por meus pais.

Túneis, trilhas e armadilhas

A astúcia venceu a tecnologia americana

Por Natalia Yudenitsch | Infográfico Tato Araujo

Quando os Estados Unidos montaram acampamento no Vietnã, estavam certos de uma coisa: a vitória era uma questão de tempo – de pouco tempo. Afinal, contavam com tecnologia de primeiro mundo, armas poderosas e soldados bem treinados. Só que os vietnamitas também tinham cartas na manga. Conheciam a geografia do país, eram mestres na arte da camuflagem e senhores das táticas de guerrilha. Como não podiam vencer o inimigo em campo aberto, usaram e abusaram de ataques noturnos e rápidos, das armadilhas e dos túneis que, muitas vezes, passavam por debaixo das bases americanas.

À PAISANA
Os soldados vietnamitas usavam roupas civis para se misturar aos camponeses. Já os americanos eram alvos fáceis, pelo tipo físico e também pelos uniformes e botas especialmente feitas para o calor intenso da Ásia.

TÚNEIS
Os mais de 250 quilômetros de túneis foram os grandes trunfos vietcongues. Neles escondiam-se hospitais subterrâneos, cozinhas, áreas de armazenamento de armas, munições e suprimentos. Os buracos eram usados também como esconderijos durante os ataques químicos dos inimigos.

HELICÓPTERO
Os helicópteros eram usados pelos Estados Unidos para evacuação, suporte e localização de vietcongues. Mas nem as máquinas voadoras conseguiam revelar as bem escondidas trilhas vietnamitas.
ARMAS QUÍMICAS
Os americanos apostaram em armas químicas para destruir as florestas do Vietnã e facilitar a localização dos inimigos. O napalm queimava árvores enquanto o agente laranja desfolhava as copas.
MINAS
Sob o solo ou presas às pedras escondiam-se minas e explosivos, normalmente criados a partir do reaproveitamento de bombas inimigas. A mais temida era a *Bouncing Betty*, acionada pelo peso da vítima. A única forma de evitar a explosão era não se mover.
ARMADILHAS
As armadilhas foram responsáveis por 11% das mortes e 17% dos feridos americanos, com destaque para a *punji* – uma cova funda com lanças afiadas de bambu ou metal. Das laterais saíam lanças menores, disparadas contra os tornozelos e calcanhares das vítimas.
TRILHAS
A trilha Ho Chi Minh estendia-se por 16 mil quilômetros ao longo da fronteira com o Laos e o o Camboja. Por ela, os vietnamitas transportavam pelotões, armas, comida e munições com rapidez e segurança.
Laos
Tailândia
Camboja
VIETNÃ
Saigon

OFENSIVA DO TET

Feliz ano-novo

Mesmo com perdas nos campos de batalha, o general Vo Nguyen Giap atingiu em cheio o alvo: a opinião pública americana. A investida decisiva começou no réveillon de 1968

Por Fabiano Onça

Às 2h15 da madrugada do dia 31 de janeiro de 1968, durante as comemorações do Tet, o ano-novo lunar, um táxi passou na frente da embaixada americana em Saigon. De repente, de dentro do veículo, tiros de metralhadora foram disparados contra os dois guardas que vigiavam a porta do quartel-general dos Estados Unidos. Surpresos, os soldados ianques mal tiveram tempo de pedir ajuda por rádio. Um pouco mais abaixo, seguindo o muro, uma forte explosão abriu um rombo na parede. Dezenove comandos do batalhão C-10, a tropa de elite dos vietnamitas do norte, invadiram o complexo diplomático. O que parecia inacreditável estava acontecendo. Os comunistas, em um ato absolutamente ousado, tinham se infiltrado na capital inimiga e agora, em pleno réveillon, atacavam a embaixada, o maior ícone da presença americana no solo do Vietnã.

O ataque era o sinal. Enquanto os comandos C-10 invadiam o reduto americano, várias tropas vietcongues miravam alvos espalhados na cidade. Ao total, pelo menos 4 mil soldados, que durante os meses anteriores haviam se escondido entre a população civil, tomaram de assalto o prédio da rádio oficial, depósitos de munições e edifícios de importância estratégica. Para os poucos americanos que guarneciam Saigon, o caos tornou-se total. Ninguém sabia de onde haviam surgido tantos inimigos. A surpresa, entretanto, não ficou restrita à capital. Às 3h40 da mesma madrugada, Hue, a antiga capital do país e a segunda maior cidade do Vietnã do Sul, também sofria o ataque do exército vermelho que havia penetrado previamente na cidade e, assim como em Saigon, só aguardava a ordem para agir. Antes que o dia 31 terminasse, cinco das seis cidades autônomas, 36 das 44 capitais de províncias e 64 dos 245 distritos municipais es-

Em uma manobra ousada, tropas e tanques comunistas invadiram Saigon e outras cidades do Vietnã do Sul

tavam sob ataque. Os vietcongues brotaram do nada, todos ao mesmo tempo, em quase todas as cidades importantes do Vietnã do Sul. Tinha início a "ofensiva geral" do general Giap.

MESTRE DO DISFARCE

Quando elaborou seu plano, seis meses antes, em julho de 1967, a idéia de Giap, braço direito de Ho Chi Minh na Guerra da Incochina, era romper um impasse. A essa altura, tanto os americanos quanto os comunistas estavam numa guerra de atrito, muito custosa para o regime de Hanói, a capital do Vietnã do Norte. Algo novo tinha que acontecer para demonstrar ao mundo e principalmente à opinião pública dos Estados Unidos que a perpetuação da guerra seria péssima também para eles. Assim, ao realizar uma "ofensiva geral" nas maiores cidades do Vietnã do Sul, o general tinha em mente provocar tanto um estrago militar quanto um estrago político em seus inimigos. Se tudo desse certo, os comunistas infiltrados atacariam as guarnições das cidades, provocando tumulto e desordem. Segundo as expectativas do plano, ao perceber o regime desabando, o povo das cidades espontaneamente aderiria à revolução, no que Giap denominava como o "levante geral". Finalmente, ao ver a viola em cacos, os americanos perceberiam que o conflito estava perdido e sentariam em desvantagem na mesa de negociações.

MAIS DE CEM CIDADES FORAM ATACADAS AO MESMO TEMPO DURANTE A OFENSIVA DO TET

Entretanto, para dar certo, o plano teria de contar com dois fatores-chave: a surpresa e o engano. Em relação ao elemento-surpresa, não haveria data melhor para a ofensiva do que o feriado de comemoração do ano-novo lunar, conhecido como Tet. Para os vietnamitas de ambos os lados, esta era, de longe, a ocasião mais importante do ano. Tradicionalmente, também era um período de cessar-fogo, respeitado entre as partes. A vigilância diminuía e muitos soldados ganhavam folga para comemorar com as famílias. Em suma, a data perfeita para o golpe. Quanto ao elemento engano, a principal preocupação de Giap foi com as fortes unida-

des do exército americano. Ele precisava desviar sua atenção e fazê-los pensar que o grande ataque seria não nas cidades, mas em algum outro lugar bem distante de Saigon.

Assim, em outubro de 1967, o tigre comunista deu seu primeiro passo para atrair os inimigos para a armadilha. No dia 29 daquele mês, o 237º regimento vietcongue atacou a cidade de Loc Ninh, na região noroeste de Saigon. Em seguida, de 3 a 22 de novembro, o 174º regimento do exército norte-vietnamita investiu próximo à cidade de Dak To, na fronteira com o Laos. Os americanos contra-atacaram, numa das batalhas mais sangrentas da guerra. Ao final do confronto, os norte-vietnamitas recuaram, deixando 1.455 mortos para trás. Os americanos lamentaram 285 mortos e 985 feridos. Confiante, o presidente Lyndon Johnson diria, em discurso proferido em 22 de dezembro de 1967: "Todos os desafios foram vencidos. O inimigo não está batido, mas ele sabe que encontrou seu mestre no campo de batalha." Em termos táticos, a luta fora apenas um banho de sangue. Estrategicamente, porém, estas batalhas davam aos Estados Unidos a falsa sensação de que a ofensiva comunista seria pelo norte do país.

O ENGANO DE KHE SANH

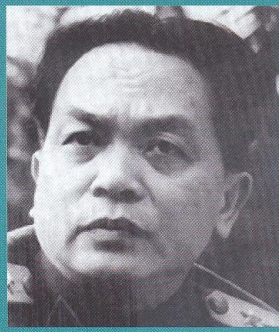
Giap alimentava a pista traiçoeira. Enquanto mais e mais homens da guerrilha comunista infiltravam-se nas grandes cidades do sul, principalmente Saigon, tropas do exército norte-vietnamita marchavam rumo à base militar de Khe Sanh, no ponto mais isolado do norte, quase na fronteira entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul. Considerada uma base de importância estratégica para os Estados Unidos, Khe Sanh era tanto uma barreira defensiva contra um ataque maciço vindo do Vietnã do Norte como também estava geografica-

Apesar da vitória psicológica sobre os americanos, Hanói sofreu grandes perdas humanas. Mais de 58 mil vietcongues e soldados do exército do Vietnã do Norte foram mortos

© DIVULGAÇÃO

mente próxima da trilha Ho Chi Minh, fazendo dela o lugar ideal para uma ofensiva contra a famosa linha de suprimentos dos comunistas. Em 15 de janeiro de 1968, o serviço de inteligência do exército americano estimou entre 20 mil e 40 mil o número de tropas do exército rival escondidas nas florestas próximas à base de Khe Sanh. O general William Westmoreland, comandante geral das forças dos Estados Unidos, havia se convencido de que o alvo principal de uma ofensiva seria aquela base. Em artigo apresentado à revista *Military History* em fevereiro de 1993, ele argumentou: "O curso de ação mais lógico para o inimigo era realizar uma forte ofensiva e tomar as duas províncias do norte. No sul, imaginava apenas alguns ataques secundários." Na época, o serviço de inteligência concordou com a percepção de Westmoreland.

O ataque inicial a Khe Sanh foi realizado no dia 21 de janeiro. Até aquele ponto, Giap havia tido sucesso em sua manobra diversionária. Diante do que parecia ser uma batalha decisiva, toda a atenção da opinião pública americana estava fixada na ameaça à tal base e nos *marines* que a defendiam. Não era para menos. Receosos com a movimentação vietnamita, os americanos começaram a ser assombrados pelo fantasma de uma outra batalha decisiva – Dien Bien Phu – travada em 1954 pelos comunistas do Vietnã contra seus antigos senhores coloniais, os franceses. Naquela ocasião, uma base francesa guardada por páraquedistas foi cercada e levada à rendição pelos vietnamitas, numa inimaginável ação militar. A derrota em Dien Bien Phu, principalmente por seu significado junto à opinião pública, representou o fim da guerra para a França. Naquela época, as tropas vitoriosas em Dien Bien Phu eram comandadas pelo mesmo general que agora ordenava o cerco a Khe Sanh: Vo Nguyen Giap.

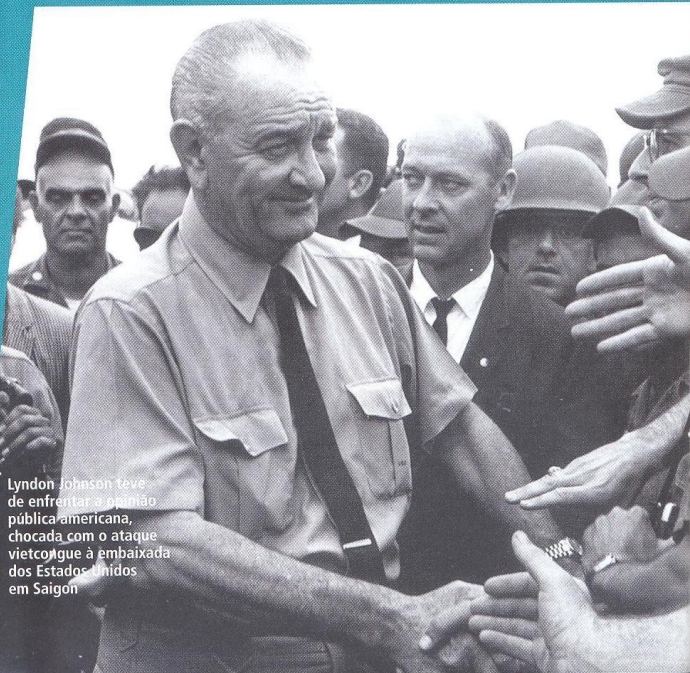
COM MAESTRIA, GIAP DESVIOU A ATENÇÃO DOS AMERICANOS PARA O NORTE, MAS SEU ALVO ERA O SUL DO PAÍS

A tensão chegou a um nível insuportável. E Giap colocou ainda mais lenha na fogueira. Utilizou um repórter australiano, Wilford Burchett, para plantar na imprensa a também falsa notícia de que ele, em pessoa, havia tomado a direção das operações e estava nas imediações de Khe Sanh orientando as tropas comunistas. A essa altura, não só o general Westmoreland mas o próprio Lyndon Jonhson tornaram-se completamente obcecados pelo destino de Khe Sanh, a ponto de instalar uma maquete da base em plena Casa Branca.

Um dos poucos a perceberem que algo estava errado foi o tenente-general Fredrick C. Weyand, comandante das forças de campo próximas

OFENSIVA DO TET

DOCE DERROTA

"A realidade é que a ofensiva do Tet foi uma grande aposta de Hanói. Eles perderam no campo de batalha, mas tiveram uma sólida vitória psicológica nos Estados Unidos", comenta o almirante Ulysses Grant Sharp, em seu livro *Strategy for Defeat: Vietnam in Retrospect* ("Estratégia para a Derrota: Vietnã em Retrospecto", inédito no Brasil). Para a opinião pública americana, poucas coisas foram tão chocantes quanto acompanhar pela mídia o ataque dos vietcongues à embaixada em Saigon, ou seguir diariamente a evolução do cerco de Khe Sanh. Mais do que isso, ao escoltar o desenrolar da ofensiva, a opinião pública dos Estados Unidos percebeu que, mesmo com as pesadas perdas sofridas, os comunistas ainda tinham fôlego para lançar uma ação de grande porte, com 70 mil homens envolvidos. Isso não se parecia em nada com o discurso que o governo de Lyndon Jonhson vinha sustentando, de que norte-vietnamitas estavam acabados. A gota d'água veio quando, em 10 de março de 1968, o jornal *The New York Times* publicou um furo de reportagem expondo uma requisição secreta do general Westmoreland ao presidente: um pedido de 200 mil homens adicionais, que deveriam juntar-se aos 550 mil soldados já alocados no Vietnã. A popularidade do presidente Lyndon Johnson afundou para menos de 25% de aprovação. "O crescimento do sentimento antiguerra entre as lideranças intelectuais do país – que até então suportavam as políticas externas desde a II Guerra Mundial – culminou numa forte rejeição a um envolvimento mais profundo do país no Vietnã", afirma o historiador Robert D. Schulzinger, da Universidade do Colorado, em seu livro *A Time for War: The United States and Vietnam, 1941-1975* ("Um Tempo de Guerra: Os Estados Unidos e o Vietnã, 1941 – 1975", inédito no Brasil). Três semanas depois do vazamento, Lyndon Johnson declararia a todos que não tentaria a reeleição. Sua carreira política havia sido arruinada. "A ofensiva do Tet é considerada a grande virada da guerra. Depois dela, o governo dos americanos viu-se sem alternativas. Ou entrava numa guerra de proporções ainda maiores, ou tentava salvar a honra fazendo um acordo de paz", afirma o professor Wilson Barbosa, do departamento de História Contemporânea da USP.

Os Estados Unidos preferiram a segunda alternativa. Em 1970, já sob o governo de Richard Nixon, o efetivo de soldados havia caído de 550 mil para 334 mil. E dali em diante iria reduzir cada vez mais, até a retirada total. A dimensão da Ofensiva do Tet pode ser resumida nas palavras do próprio general Giap, em entrevista concedida para o documentário *Vietnam: A Television History* ("Vietnã: Uma História Televisiva", inédito no Brasil): "Para nós, não existe algo como uma estratégia militar pura. Isto é sempre uma síntese, simultaneamente militar, política e diplomática. Obviamente, a ofensiva do Tet tinha múltiplos objetivos, tanto militares quanto políticos."

Lyndon Johnson teve de enfrentar a opinião pública americana, chocada com o ataque vietcongue à embaixada dos Estados Unidos em Saigon

à fronteira com o Camboja. Suas guarnições estavam tendo muito pouco contato com os comunistas. Além disso, uma comunicação inimiga via rádio cada vez mais freqüente era captada perto de Saigon, no sul do país. No dia 10 de janeiro, Weyand convenceu Westmoreland a deixar ao menos algumas de suas unidades nos arredores da capital sul-vietnamita – uma medida considerada por muitos como a ação mais decisiva de toda a ofensiva do Tet.

O RUGIDO DO TIGRE

Tudo parecia perfeito no plano de Giap. Mas a insistência em manter o segredo da operação acabou causando falhas na coordenação das investidas. À 0h15 da madrugada do dia 30 de janeiro, um dia antes da data prevista, tropas comunistas iniciaram ataques-surpresa em 12 cidades do centro do Vietnã do Sul, incluindo Da Nang, Pleiku e Nha Trang. Como resultado, às 11h25 do mesmo dia tropas sul-vietnamitas e americanas receberam ordens de colocar-se em prontidão total em todas as cidades do país. Ninguém sabia exatamente o que iria acontecer, mas todos sabiam que o tigre comunista estava rondando.

Foi na madrugada seguinte, em 31 de janeiro, que a ofensiva começou para valer. À 1h30, 14 comandos comunistas atacaram o Palácio Presidencial em Saigon. Logo em seguida, foi a vez da embaixada americana. Ao todo, os comunistas tinham eleito oito objetivos-chave na área ao redor da capital inimiga. Com estes lugares tomados, o governo sul-vietnamita entraria em colapso, abrindo caminho para o levante popular país afora. Somados, 35 batalhões, organizados em uma divisão do exército norte-vietnamita e duas vietcongues, tentaram tomar os centros de comando, controle e comunicação de Saigon; capturar a artilharia e os tanques do depósito de Go Vap; destruir a ponte Newport, que ligava Saigon a Bien-Bien Hoa através da rodovia 1; neutralizar o centro de logística militar em Long Binh; neutralizar a base aérea norte-americana de Bien Hoa e danificar os centros de comando militar das forças inimigas, além de tomar os já citados Palácio Presidencial e embaixada americana. Surpreendentemente, nem com quase todas as cidades do Vietnã ardendo o general Westmoreland reconsiderou sua estratégia. Em uma conferência de imprensa concedida no mesmo dia 31 de janeiro, ele ainda manteve firme sua convicção de que os ataques realizados nas cidades eram apenas manobras diversionistas para roubar a atenção do que importava: o ataque a Khe Sanh.

EM TERMOS MILITARES, A OFENSIVA FOI UM FRACASSO. NENHUMA DAS CIDADES FOI EFETIVAMENTE TOMADA.

CONTRA-ATAQUE

Mas, se em um primeiro momento a reação inimiga foi de espanto, os comunistas logo constataram que as forças escaladas para as diversas tarefas eram insuficientes para os objetivos propostos. Na embaixada americana, por exemplo, os 19 comandos que haviam invadido o complexo não conseguiram pôr abaixo as portas do prédio principal e se viram num tiroteio com os guardas remanescentes. Com a chegada dos pára-quedistas americanos enviados por helicóptero, os comunistas não duraram muito. Pelo meio da manhã do dia 31 os invasores estavam mortos no jardim, contra cinco guardas americanos. A mesma cena se repetiu em várias outras cidades, onde os batalhões do Vietnã do Norte foram cercados por inimigos mais numerosos e melhor armados.

Na maior parte das cidades, em poucos dias, os vietcongues foram dominados. Os combates em Saigon duraram cerca de uma semana, embora a capital só fosse totalmente controlada em 7 de março de 1968, quando o distrito de Cholon, o bairro chinês, acabou libertado. A cidade que mais tempo ficou sob o poder dos norte-vietnamitas foi Hue, só retomada quase um mês depois, no dia 25 de fevereiro, após intensas batalhas. Quanto ao cerco em Khe Sanh, após alguns furiosos ataques contra o bem fortificado enclave, as tropas comunistas começaram a diminuir o ritmo. Em 1º de abril, o exército americano lançou a Operação Pegasus e retomou contato terrestre com a base. A ofensiva do Tet estava acabada. Em termos militares, foi um fracasso. Nenhuma das cidades invadidas foi, de fato, tomada. Também não se viu um levante popular. Em termos de vidas humanas, mais de 58 mil vietcongues e tropas regulares do exército norte-vietnamita haviam sido mortos, contra menos de 4 mil soldados americanos e cerca de 5 mil soldados sul-vietnamitas. Em verdade, desta operação em diante, a guerrilha vietcongue nunca mais conseguiu se reerguer. As maiores operações passaram a ser feitas pelo exército norte-vietnamita. ■

SAIBA MAIS

LIVROS

***A Time for War: The United States and Vietnam, 1941-1975*, de Robert D. Schulzinger, Oxford University Press, 1997**

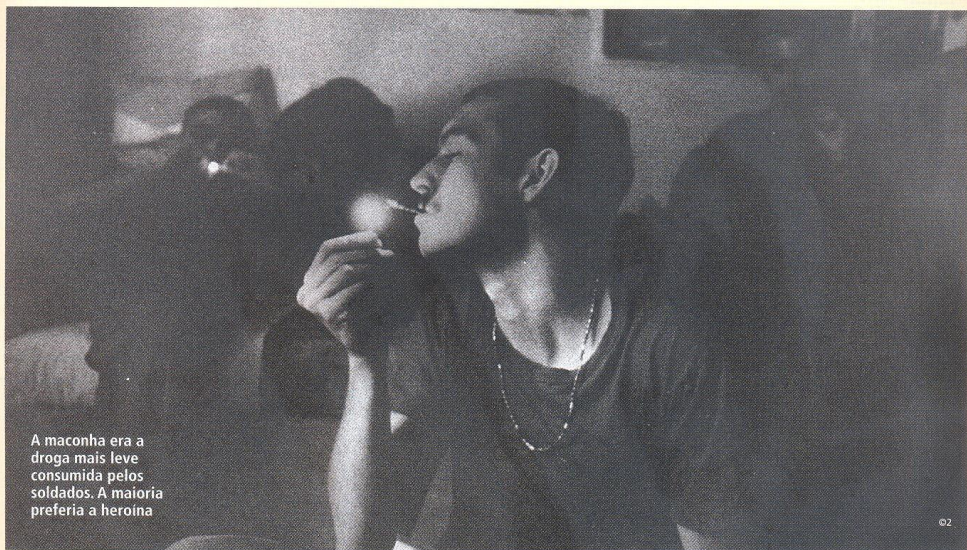
***Strategy for Defeat: Vietnam in Retrospect*, de Ulysses Grant Sharp, Presidio Press, 1998**

SITES

http://www.vietnampix.com

Psicodelia na selva

PARA ENFRENTAR A INSANIDADE DA GUERRA, OS SOLDADOS AMERICANOS EMBARCARAM NA VIAGEM SEM VOLTA DA HEROÍNA. E, QUANDO RETORNARAM PARA CASA, LEVARAM O PÓ MALDITO PARA O SEIO DA SOCIEDADE AMERICANA

Natalia Yudenitsch

A maconha era a droga mais leve consumida pelos soldados. A maioria preferia a heroína

©2

Não é difícil imaginar a cena: meio da tarde, sol rachando em Bangcoc, capital da Tailândia. Uma trupe de jovens americanos entorna cervejas em um boteco imundo. É dia de folga e escapar do cenário da guerra faz parte do ritual da soldadesca. Recostado no balcão, o dono do bar dispara uma proposta de trabalho para o grupo. Serviço fácil, rápido e bem menos perigoso do que a vida nas selvas vietnamitas. A idéia parece boa. Enviar heroína pelo correio para os Estados Unidos. O lucro é certo – para os dois lados. Nas cidades asiáticas, compra-se uma dose da droga por US$ 2. E, nas ruas americanas, ela vale ouro, cerca de US$ 100 pela mesma quantidade. Ainda garotos, transtornados pelo conflito e desesperançados, muitos topam a parada. O serviço postal usado na transação seria o correio militar do governo americano.

Tal cena não é fruto da imaginação. Aconteceu em 1971, no Five Star Bar, o ponto de encontro preferido dos soldados nos raros dias de descanso. O dono do botequim era William Henry Jackson, ex-combatente do exército dos Estados Unidos. Longe de ser uma exceção, o Five Star fazia parte de um esquema que escondia um esqueleto no armário da guerra do Vietnã: o tráfico e o uso de drogas pelos heróis americanos. "As drogas foram uma espécie de combustível essencial para as tropas no Vietnã", explica Henrique Soares Carneiro, doutor em História Social e professor de História Moderna da USP. "No século 17 foi o álcool, muito usado na guerra dos 30 anos. No século 19, entrou em cena o tabaco, que virou a ração dos soldados. E logo apareceram as anfetaminas, entregues até hoje pelos próprios exércitos, com o objetivo de manter o combatente alerta e acordado", completa.

No Vietnã, os soldados "desbundavam", para usar uma gíria da época. As substâncias que faziam parte do cotidiano nas selvas eram de máxima potência – aliás, encaixavam-se perfeitamente na moda daqueles anos de psicodelia: heroína, LSD, ópio, maconha e barbitúricos, nessa ordem. De acordo com relatório elaborado por dois congressistas americanos no início da década de 70, o republicano Robert Steele e o democrata Morgan Murphy, 15% a 25% do contingente militar no sudeste asiático consumia heroína regularmente. Mais tarde, em 1974, outro relatório divulgaria que 34% dos combatentes usaram drogas, incluindo aí maconha, ópio, anfetaminas e alucinógenos. "As drogas atuavam como manipuladoras do tempo, atenuando as experiências traumáticas do *front*", esclarece Gilberto Agostino, historiador e professor da UFRJ. "Para se ter uma idéia, dados oficiais falam em

mais de 80 mil viciados em heroína no Vietnã, contra cerca de 68 mil nos Estados Unidos. Havia mais drogados entre os soldados do que em todo o território americano."

EPIDEMIA DE VICIADOS

Em 16 de maio de 1971, o destino da rapaziada nas florestas asiáticas tornou-se público. O jornal *The New York Times* publicou uma reportagem que estarreceu o país. Na capa, o título chocante: *Heroin Addiction Epidemic in Vietnam* – ou "Epidemia de viciados em heroína no Vietnã". A matéria caiu como uma bomba sobre a Casa Branca. A opinião pública tinha mais um argumento para lutar contra a guerra. Na época, o governo já vinha enfrentando protestos raivosos nas ruas, com os jovens encabeçando o movimento hippie e inaugurando a "geração paz e amor". Diante dos fatos, veio a reação. O presidente Richard Nixon declarou o uso de drogas pelos soldados como "o inimigo público nº 1 dos Estados Unidos". Pois é. Os comunistas perderam o posto. A declaração do presidente foi acompanhada pelo anúncio da criação do Special Action Office for Drug Abuse Prevention (Escritório Especial de Ação para Prevenção do Abuso de Drogas), chefiado por Jerome Jaffe, um renomado especialista no tratamento de viciados em heroína. "A administração Nixon encarou o vício como uma espécie de doença contagiosa, que poderia se espalhar caso não fosse erradicada. O medo era de que os veteranos adictos voltassem para casa e se tornassem criminosos para sustentar o vício", escreveu o professor Daniel Weiner, do Departamento de História do Northwest Vista College, no artigo *Drugs as a Disease* ("Drogas como uma Doença"). O temor do presidente não era em vão.

O passo seguinte do governo foi instituir a chamada *Operation Golden Flow* – ou "Operação Fluxo Dourado", um apelido de humor dúbio para os testes de urina entre os soldados do Vietnã. A partir de então, todos os militares deviam ser submetidos ao tal teste antes de retornar aos Estados Unidos, além de exames esporádicos durante o tempo que permaneciam em combate. Caso fosse detectada a presença de heroína, o tratamento era o confinamento por uma semana. Depois do período de solitária, o sujeito estava "limpo". As medidas de segurança de Nixon pareciam dar resultado. Pelo menos assim ele imaginou. Em 1972, a porcentagem de combatentes pegos em flagrante pela *Golden Flow* caiu para 4,5%. O presidente festejou, declarando que a epidemia estava controlada. Ledo engano. Como todo bom viciado que se preze, os garotos deram um jeito de burlar o esquema Nixon. Levavam para o teste urina de colegas que não usavam a droga. Ou então faziam o sacrifício de ficar longe da heroína por quatro dias, tempo necessário para obter o certificado de *clean*.

MAIS DE 80 MIL AMERICANOS USAVAM HEROÍNA NO VIETNÃ. HAVIA MAIS DEPENDENTES NA SELVA DO QUE NA AMÉRICA

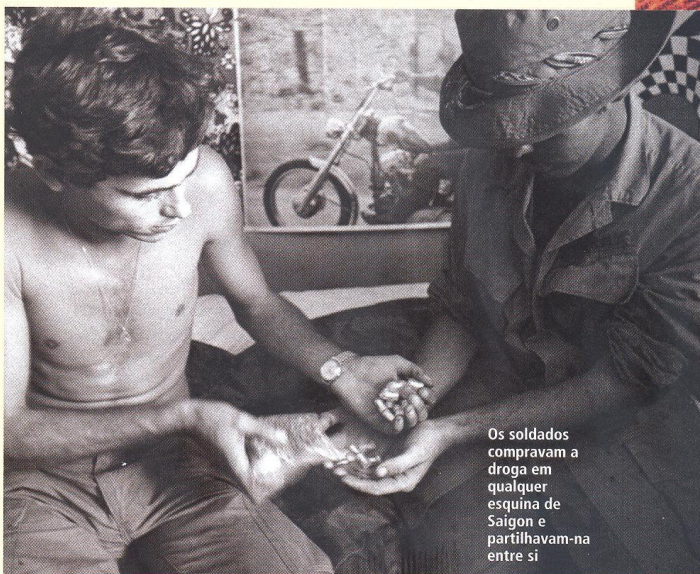
A HIERARQUIA DO VÍCIO

O veterano James Lesley Roberts assume, sem pestanejar, que usou heroína durante toda a guerra. E a droga o ajudou a não enlouquecer. Um contra-senso, mas que, no contexto dos campos de batalha, faz todo sentido. "Nós tínhamos uma hierarquia pelo uso das substâncias. Quem só fumava maconha estava no topo. Eram os caras mais confiáveis e considerados *cool*. Na posição mais baixa do ranking ficavam os usuários de drogas alucinógenas", conta. "Quem tomava LSD, por exemplo, era tido como suspeito. Não dava para saber o que o sujeito ia fazer em ação. As anfetaminas deixavam os caras hiperativos. Ficavam chatos. Falavam demais. Já nós, os usuários de heroína, estávamos no meio, pois a droga nos impedia de agir em situação de combate. Mas não representávamos perigo", completa. Segundo Roberts, a *Operation Golden Flow* assustava mais do que qualquer vietcongue. "Na guerra, você conta os meses, os dias e as horas que faltam para voltar para casa. A idéia de ter seu retorno adiado em uma semana por causa dos testes era terrível", diz. O soldado do Marine Corps conseguiu vencer a batalha contra o vício ao voltar para os Estados Unidos.

As autoridades americanas também dividiam – e ainda dividem – as drogas em categorias. A maconha, por exemplo, entrava na classe C. Já a heroína se encaixava na classe A. A soldadesca não perdia a piada. Costumava brincar dizendo que a heroína vietnamita era, de fato, "classe A". O pó branco que circulava com fartura nos campos de batalha passava por quatro estágios de refinamento. A morfina extraída das papoulas e tratada quimicamente para virar heroína tinha entre 80% e 90% de pureza, infinitamente mais potente do que

a substância granulada normalmente vendida nos submundos do tráfico. Segundo Thiago Rodrigues, autor do livro *Política e Drogas nas Américas*, o exército americano foi, na prática, conivente com o tráfico, em especial de heroína. Cooptava os senhores da guerra locais, que detinham os estoques da droga, em troca de apoio contra os comunistas. "Esses chefes regionais, que representavam famílias ou clãs, sempre tiveram autonomia junto aos poderes coloniais no Vietnã, mesmo na época do domínio francês", conta Rodrigues. "Frente ao conflito ideológico da guerra, comunismo versus capitalismo, eles barganhavam o apoio", complementa.

O PARAÍSO DA HEROÍNA

Não se pode esquecer que a guerra do Vietnã aconteceu bem no meio do chamado Triângulo Dourado, formado pelas plantações de papoula do Camboja, Laos e Birmânia. Os soldados estavam simplesmente no paraíso da heroína. No início dos anos 70, os laboratórios locais produziam toneladas de ópio anualmente, exportando a base da morfina para a Europa e a heroína já refinada para Hong Kong, de onde seguia para os Estados Unidos. Nos relatórios da CIA de 1971, consta o início do processo de precipitação do éter e conversão da produção da heroína "devido ao crescente mercado consumidor no sul do Vietnã", exatamente onde as tropas americanas se concentravam. "A gente encontrava a nº 4 (o tipo mais puro de heroína) em qualquer lugar. Vendedores enfiavam doses em nossos bolsos nas ruas. Garotas de 14 ou 15 anos vendiam a droga nas esquina de Saigon e as *mama-sans* (vietnamitas contratadas para limpar os quartéis) sempre tinham um pouquinho para quem estivesse de serviço", relembra o veterano James L Roberts.

Os soldados compravam a droga em qualquer esquina de Saigon e partilhavam-na entre si

ESTATÍSTICAS DO VÍCIO

- Uma dose de heroína custava apenas US$ 2
- Entre 15% e 25% dos soldados americanos se tornaram viciados
- A droga tinha um grau de pureza de 80% a 90%
- Um terço dos combatentes dos Estados Unidos consumiu drogas, como maconha, opiáceos, anfetaminas e alucinógenos
- Os recrutas gastavam em média US$ 88 milhões por ano para alimentar o vício
- A morte por overdose cresceu 175% somente entre agosto e setembro de 1970

Em 1970, a morte por overdose subiu 175% só entre agosto e setembro do mesmo ano. Estes números, entretanto, só foram revelados quatro anos depois, já no fim do conflito.

ALIADOS OU INIMIGOS?

Com o consumo e o tráfico de heroína cada vez mais descarado, o comando do exército americano em Saigon deu o serviço. De acordo com relatório também de 1971, "as drogas não vêm das plantações de papoula do Vietnã do Norte. Quem financia o tráfico são grupos formados por proeminentes políticos, militares e líderes governamentais do Vietnã do Sul". Ou seja, os próprios aliados dos Estados Unidos estavam por trás da psicodelia selvagem. Nos campos de batalha, os americanos lutavam ao lado dos sulistas. Já na guerra contra as drogas ficaram em lados opostos. Não é difícil entender as regras do jogo. A explicação é simples e pode ser traduzida em um único número: US$ 88 milhões. Esta é a estimativa conservadora do total gasto pelos viciados anualmente com heroína. Fazendo as contas, cerca de 20 mil jovens americanos gastavam em média US$ 12 por dia, o equivalente a quatro doses. Era muito dinheiro, especialmente para um país empobrecido pelos longos anos de guerra.

O envolvimento de altos escalões do governo do Sul no tráfico de heroína foi abafado pelas autoridades dos Estados Unidos. A divulgação de tal informação poderia aumentar o caos nas ruas americanas, onde estavam acontecendo em média cem protestos por dia contra o conflito. Enquanto o governo se via encurralado, a bandalheira aumentava nas terras asiáticas. Americanos, como o dono do Five Stars Bar, em Bangcoc, proliferavam. Os soldados liberados do Exército permaneciam nas redondezas do Vietnã e passavam a ganhar a vida vendendo heroína para os colegas – ou mandando mercadoria para casa. O veterano e barman William Henry Jackson chegou a ser considerado um dos mais perigosos traficantes da região pelos agentes do U.S. Narcotics – Departamento de Narcóticos dos Estados Unidos. "Era fácil traficar. O LSD e a heroína podiam ser mandados para os Estados Unidos com tranqüilidade em cartas, papéis, pacotes e suprimentos. E, na selva, a demanda aumentava a cada dia", afirma o professor Carneiro. A falta de uma fiscalização rígida tornava o lucrativo negócio muito prático. A pior punição para um soldado que fosse pego consumindo a droga era o envio sumário para casa com a ficha militar suja. Um castigo muito bem-vindo, diga-se de passagem.

O TRÁFICO RENDIA AO VIETNÃ DO SUL US$ 88 MILHÕES POR ANO. UM SOLDADO CONSUMIA US$ 12 POR DIA

AMARGO REGRESSO

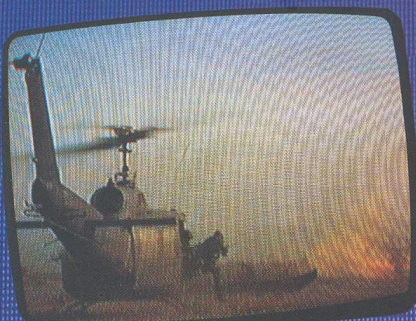
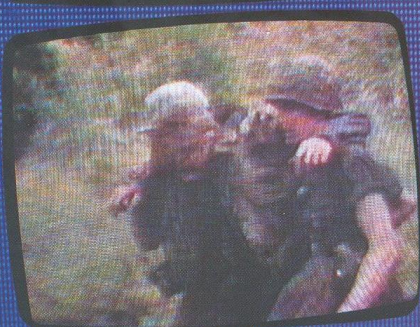
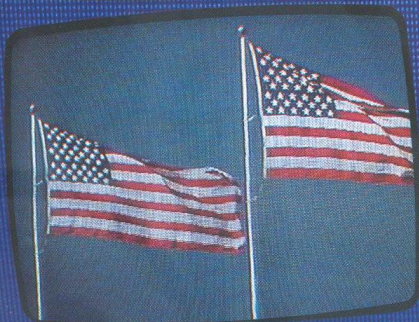
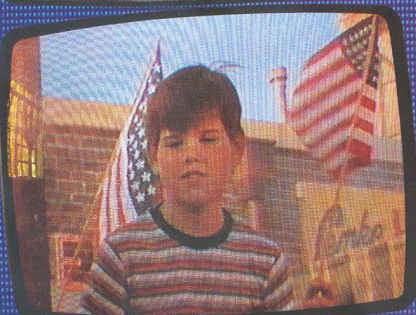
As conseqüências da proliferação das drogas entre as tropas são um drama à parte na história da guerra do Vietnã. Pelo menos para os Estados Unidos. Com o fim da refrega, a resposta do governo americano ao problema foi uma junção de apatia e embaraço. A apatia devia-se ao pensamento da época de que "quem usa heroína merece o que lhe acontecer de ruim". O embaraço vinha do envolvimento dos supostos protegidos da Casa Branca, os vietnamitas do Sul, no tráfico. "Não houve, de fato, nenhum tipo de apoio ou tratamento específico para os veteranos. Até mesmo o stress de combate só foi reconhecido como caso clínico bem depois, durante o governo de Jimmy Carter", comenta Agostino. O vício entre os veteranos tornou-se uma espécie de segredo sujo, varrido para debaixo do tapete.

A volta dos heróis de guerra – cerca de mil por dia, sendo 10% a 15% viciados em heroína – acabou provocando também uma grande mudança social nos Estados Unidos. Os tempos eram de psicodelia, com o surgimento do movimento hippie, mas a heroína não era comum entre a classe média predominantemente branca. Até então, estava restrita a guetos da comunidade negra. O quadro mudou com o retorno dos combatentes. Aos poucos, a compra e venda da temida droga instaurou-se definitivamente no seio da WASP (sigla em inglês para Americanos Brancos, Anglo-saxões e Protestantes) da América. Até hoje, o assunto, conhecido como a "epidemia de heroína entre os soldados", é um tabu nos país. Muitos veteranos defendem a tese de que o número de adictos não era tão expressivo assim, enquanto outros destilam ressentimento pela forma como foram abandonados. E tiveram de lidar com a dependência química à própria custa.

SAIBA MAIS

LIVROS

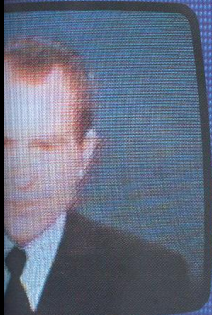
***TDY*, de Douglas Valentine, Authors Choice Press, 2000**
***Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, Iluminuras, 2002**

AMÉRICA

A partir de 1965, protestos contra a guerra explodiram nos Estados Unidos. Apenas 40% do povo apoiava o governo

Apocalipse now

NA ÁSIA, OS ESTADOS UNIDOS ENFRENTAVAM A LUTA SANGRENTA CONTRA OS VIETNAMITAS. E, EM CASA, ENCARAVAM A REBELDIA E OS PROTESTOS INDIGNADOS DOS JOVENS. O CAOS TOMOU CONTA DA AMÉRICA.

Por André Barcinski

No fim dos anos 60, auge da Guerra do Vietnã, os Estados Unidos combatiam em duas frentes. Na Ásia, encaravam a sangrenta batalha nas florestas e campos vietnamitas, que resultou na morte de mais de um milhão de pessoas. Em casa, enfrentavam uma guerra muito particular. O conflito moral dos americanos estava rachando a nação ao meio – e traria resultados desastrosos para o país. Se, no embate externo, os inimigos eram facilmente identificáveis, no campo interno as coisas não estavam tão claras assim. De uma hora para outra os Estados Unidos viram sua população separada em dois grupos: os que apoiavam a guerra e os que passaram a ver seu próprio governo como inimigo. Em 1965, uma pesquisa de opinião mostrou que 80% dos americanos eram a favor da guerra. Quatro anos depois, esse número caiu para menos de 40%, e mais da metade da população, que antes agitara bandeiras e conclamara seus soldados a ir ao Vietnã para acabar com o "perigo vermelho", agora pedia o fim da insanidade e a retirada das tropas. O que havia acontecido com a América?

Até o Vietnã, os Estados Unidos nunca haviam perdido uma batalha. Durante os principais conflitos do século 20 – as duas Grandes Guerras e a Guerra Fria – a opinião pública americana sempre fora um bloco unido, apoiando seu governo nas quedas-de-braço contra os "estrangeiros". Mas, nos anos 60, o país não estava tão coeso assim. Ao mesmo tempo em que o movimento pelos direitos civis crescia nação afora, e líderes como Martin Luther King e John Kennedy sonhavam com uma América mais justa, a fiel opinião pública amadurecia. As universidades fervilhavam de idéias novas e de jovens dispostos a construir um

mundo melhor. O racismo começou a ser combatido, e os movimentos negros e feministas ganhavam força. Em 1977, na resenha do celebrado livro *Dispatches* ("Disparates", inédito no Brasil), de Michael Herr, um dos melhores relatos jornalísticos do Vietnã, o jornal *The New York Times* chamou o conflito de "a primeira Guerra do Rock'n'Roll". A classificação, embora soe simplista, é das mais pertinentes. Se associarmos o surgimento do rock ao aparecimento de uma nova força política e social nos Estados Unidos – a força jovem –, então a Guerra do Vietnã foi sim a primeira em que a juventude

O JORNAL *THE NEW YORK TIMES* APELIDOU O CONFLITO DE "A PRIMEIRA GUERRA DO ROCK'N' ROLL"

americana teve uma participação ativa, não só como mão-de-obra na zona de combate mas também em casa, questionando o governo e, por fim, exigindo o fim da loucura.

Até meados dos anos 50 – antes, portanto, do surgimento do rock'n'roll como fenômeno social – o jovem não apitava nada nos Estados Unidos. Foi só depois da II Guerra, quando a economia do país voltou a prosperar e os adolescentes não precisaram mais ajudar a família, que o país viu o surgimento de um novo mercado de consumo – o mercado jovem. Surgiu o rock, e astros como Marlon Brando (*O Selvagem*) e James Dean (*Rebelde*

Em 1969, meio milhão de ativistas tomaram as ruas de Whashington, no maior protesto da história da guerra.

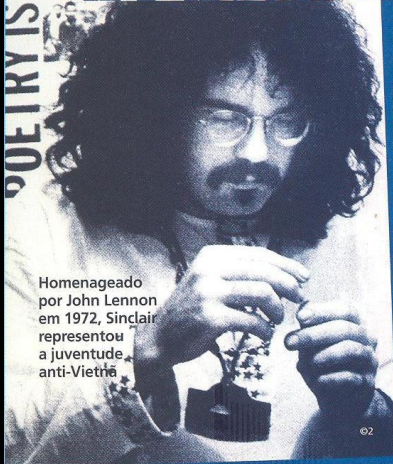
Em 1970, havia uma média de cem protestos ou greves de estudantes por dia.

Sem Causa) mostravam, nas telas do cinema, o abismo gigantesco que existia entre as gerações. Esse abismo foi crescendo, até tornar-se intransponível. Se, na II Grande Guerra, todo garoto americano pensaria em alistar-se no Exército, em 1967 isso se tornou fato raro. Até mesmo um rapaz chamado Bill Clinton, que viria a se sentar na cadeira de presidente, queimou o cartão de alistamento e recusou-se a lutar no Vietnã. Diferentemente dos pais, os "rebeldes sem causa" dos anos 60 não pareciam tão dispostos a aceitar cegamente as imposições do governo. Com o agravamento da guerra e o crescente número de mortes, os políticos começaram a ser questionados sobre a real necessidade do conflito.

SOCIEDADE ALTERNATIVA

Outros fatores contribuíram para a mudança de rumo da opinião pública: os negros – que totalizavam 10% da população americana, mas 20% do total de mortos em combate – passaram a acusar o governo de estar favorecendo brancos no envio de tropas às zonas de conflito. Os gastos com a guerra – que chegaram a 2 bilhões de dólares por mês em 1968 (ou 13% de todo o gasto público) – prejudicaram os investimentos em saúde e educação, o que fez a população rever suas prioridades. O Vietnã estava custando caro demais para a América. Outro duro golpe na credibilidade dos manda-chuvas foi a divulgação, em 1969, do relatório do Pentágono conhecido por *Pentagon Papers*, sobre a atuação do governo americano na condução da guerra. O documento concluía que os políticos haviam iludido a opinião pública, divulgando informações falsas ou incompletas e escondendo fatos sobre a extensão do envolvimento militar do país no Vietnã.

O otimismo da América do pós-guerra cedeu lugar, então, a um ceti-

©1 RAQUEL AVIANI - PRODUÇÃO ISABELLA RODRIGUES ©2 REPRODUÇÃO

Homenageado por John Lennon em 1972, Sinclair representou a juventude anti-Vietnã

©2

A VOZ DA REBELDIA

John Sinclair foi um dos ativistas políticos mais importantes dos Estados Unidos nos anos 60 e 70. Fundador do grupo radical Panteras Brancas, que pregava um "assalto total à cultura" e tinha por porta-voz o grupo de rock MC5, ele se engajou nas grandes causas da época, do movimento contra a Guerra do Vietnã à luta pelos direitos civis. Perseguido pela CIA, Sinclair acabou preso por oferecer dois cigarros de maconha a um agente à paisana. E foi condenado a dez anos de prisão. Uma campanha por sua liberdade recebeu apoio de ativistas como Abbie Hoffman e de artistas como John Lennon e Stevie Wonder. Sinclair foi solto após dois anos na cadeia. Lennon gravou uma música em sua homenagem, *John Sinclair*, lançada no álbum *Some Time in New York City*, de 1972. Depois de sair da prisão, Sinclair apresentou programas sobre jazz e blues em rádios, e escreveu um livro sobre sua vida, *Guitar Army* ("O Exército da Guitarra", inédito no Brasil). Hoje vive em Amsterdã, na Holanda.

O senhor está vivendo em Amsterdã há muito tempo?
"Senhor" não, John, por favor. Eu estou me mudando em definitivo para cá daqui a alguns meses.

Cansou dos Estados Unidos?
Você ficaria num país que reelege George Bush? Ontem eu estava lendo o jornal, e quase tive um ataque do coração: 42% dos americanos ainda acreditam que Saddam estava por trás dos ataques de 11 de setembro! Dá para acreditar?

Você vê paralelos entre a situação atual dos Estados Unidos e a época do Vietnã?
Com certeza. Só que hoje estamos muito pior, porque os movimentos de oposição à guerra não são tão poderosos. Mas a situação é a mesma: o país foi enganado por mentiras do governo e entrou numa guerra sem motivos, que nada mais é do que uma desculpa para realizar todos os sonhos da direita americana.

Como assim?
Eu acredito que, há muito tempo, a direita quer fazer coisas como cortar os impostos dos ricos, aumentar os gastos com as Forças Armadas e arrochar o controle a imigrantes no país. E o 11 de setembro foi a grande desculpa que eles tiveram nos últimos anos. Da mesma forma que, nos anos 60, fizeram o país acreditar no "perigo vermelho" e, usando o medo causado pela Guerra Fria, nos empurraram o Vietnã goela abaixo.

Na época do Vietnã, americanos mudaram de opinião em poucos anos. A maioria era a favor da guerra, mas depois ficou contra. A que você atribui isso?
Principalmente ao esforço incansável das pessoas que se opunham à guerra; aos estudantes e ativistas que foram às ruas protestar, ao movimento hippie...

Você acha realmente que a América classe média baixa, branca, se importava com o que os hippies diziam?
Não sei, porque eu não tinha contato com essas pessoas. Eu nunca me importei com o que a América branca dizia! Passei minha vida toda fugindo da classe média branca, não queria saber dela! E nem ela de mim.

A imagem que temos dos hippies hoje é a de um grupo de certa forma acomodado...
É verdade, mas porque a mídia vem passando essa imagem há muito tempo. Eu era hippie, meus amigos eram hippies, mas nós não tínhamos nada de acomodados. Éramos ativistas, lutávamos pelo que achávamos certo. Hoje, quando você vê alguém mencionando os hippies na TV, só aparecem imagens de Woodstock e do Jefferson Airplane,. Eu nunca vi o movimento dessa forma. Para mim, hippies representavam o que havia de mais alternativo, era como se fôssemos extraterrestres invadindo a Terra. Esse era o meu sentimento.

Você sempre pregou o ativismo combativo?
Digamos que eu sempre preferi ação a palavras. Nos anos 60, em Detroit, nós criamos uma comuna de artistas, músicos e ativistas. Nós tínhamos um clube, o Grande Ballroom, onde fazíamos shows e encontros políticos, que era praticamente a nossa casa. O clima lá era incendiário, revolucionário, a gente acreditava no que fazia.

Como foi o clima nos Estados Unidos, logo após a Guerra do Vietnã?
Foi horrível para todos. Os soldados voltaram arrasados, física e psicologicamente. Eles haviam sido mandados para um país estranho, e obrigados a fazer coisas horríveis. Depois, se deram conta de que estavam fazendo tudo isso sem motivos, enganados pelo governo. A população, claro, se sentiu traída, e muita gente tentou apagar a guerra da memória, como se ela não tivesse acontecido. Mas as repercussões estão aí até hoje.

Como é ser homenageado por John Lennon?
Essa história é engraçada: alguns amigos estavam organizando um show beneficente para arrecadar fundos para pagar meus advogados. Ia ser um show pequeno. Daí meu advogado chegou na prisão e me disse: "John Lennon está muito interessado em seu caso; ele e Yoko querem tocar no show. E Stevie Wonder também!" Eu disse: "Você não precisa fazer isso só para eu me sentir melhor." Era verdade. Lennon estava preocupado com a perseguição política nos Estados Unidos.

Há uma história engraçada, sobre uma conversa telefônica...
Sim. Meu advogado me deu um número de telefone, e disse para eu ligar na hora do show. Eu só tinha direito a um telefonema por semana, e o guarda ficava monitorando a conversa. Quando eu liguei, eles conectaram a ligação com os alto-falantes do ginásio, e, de repente, eu estava falando para 15 mil pessoas! Eu pensei: "Meu Deus, se os guardas me pegam, me jogam na solitária! "Mas eles estavam ouvindo um jogo de beisebol, ou coisa assim. Eu não conseguia falar nada que fizesse sentido. Depois, me acalmei. E fiz um discurso sobre a minha situação e a perseguição do governo. Foi aí que o país ficou sabendo sobre o meu caso, e a opinião pública começou a pressionar os políticos para me soltarem. Tenho certeza de que, se não fosse por isso, eu teria ficado preso por muito tempo.

©1

cismo cada vez maior. Surgiram grupos radicais, como os Panteras Negras, que pregavam a luta armada contra o governo. Nas universidades, jovens protestavam e eram espionados pela CIA, que passou a perseguir também músicos, cineastas e atores. Ídolos como John Lennon, Jimi Hendrix e Muhammad Ali falavam abertamente contra a guerra. Ali chegou a perder o cinturão dos pesos pesados por recusar o alistamento: "Nenhum vietnamita jamais me chamou de crioulo", disse ele. Foi nessa época que surgiu o movimento hippie, inspirado inicialmente pelo existencialismo dos *beatniks* – a turma de Jack Kerouac e Allen Ginsberg, que revolucionou a literatura nos anos 50. Os hippies pregavam a não-violência e o desapego a valores materiais. Sua meca era São Francisco, na Califórnia, cidade de tradição liberal, para onde dezenas de milhares de garotos se mudaram e passaram a viver em comunidades alternativas.

"SÍNDROME DO VIETNÃ"

As manifestações contra a guerra começaram a pipocar por todo o país. Em 1967, 100 mil pessoas marcharam pela paz em Washington, e 50 mil em Nova York. Dois anos depois, meio milhão de ativistas tomaram as ruas da capital americana, na maior demonstração pela paz já realizada no país. Em 1970, houve uma média diária de cem protestos ou greves de estudantes, e mais de 500 colégios e universidades foram fechados pelo menos um dia por manifestações. Um dos episódios mais marcantes da época aconteceu durante um protesto na Universidade Kent State, em Ohio, quando quatro estudantes acabaram mortos a tiros por militares. O conflito no Vietnã enfraquecia dia após dia a confiança do povo no governo e nas Forças Armadas. As imagens transmitidas pela TV – de bebês vietnamitas sendo queimados vivos por napalm – chocou o país. E é bom lembrar que o Vietnã foi a primeira guerra a ter ampla cobertura da televisão. Para completar o caos, soldados que retornavam do *front* passaram a ser recebidos não como heróis, mas como assassinos, e tinham muita dificuldade de readaptação à vida cotidiana.

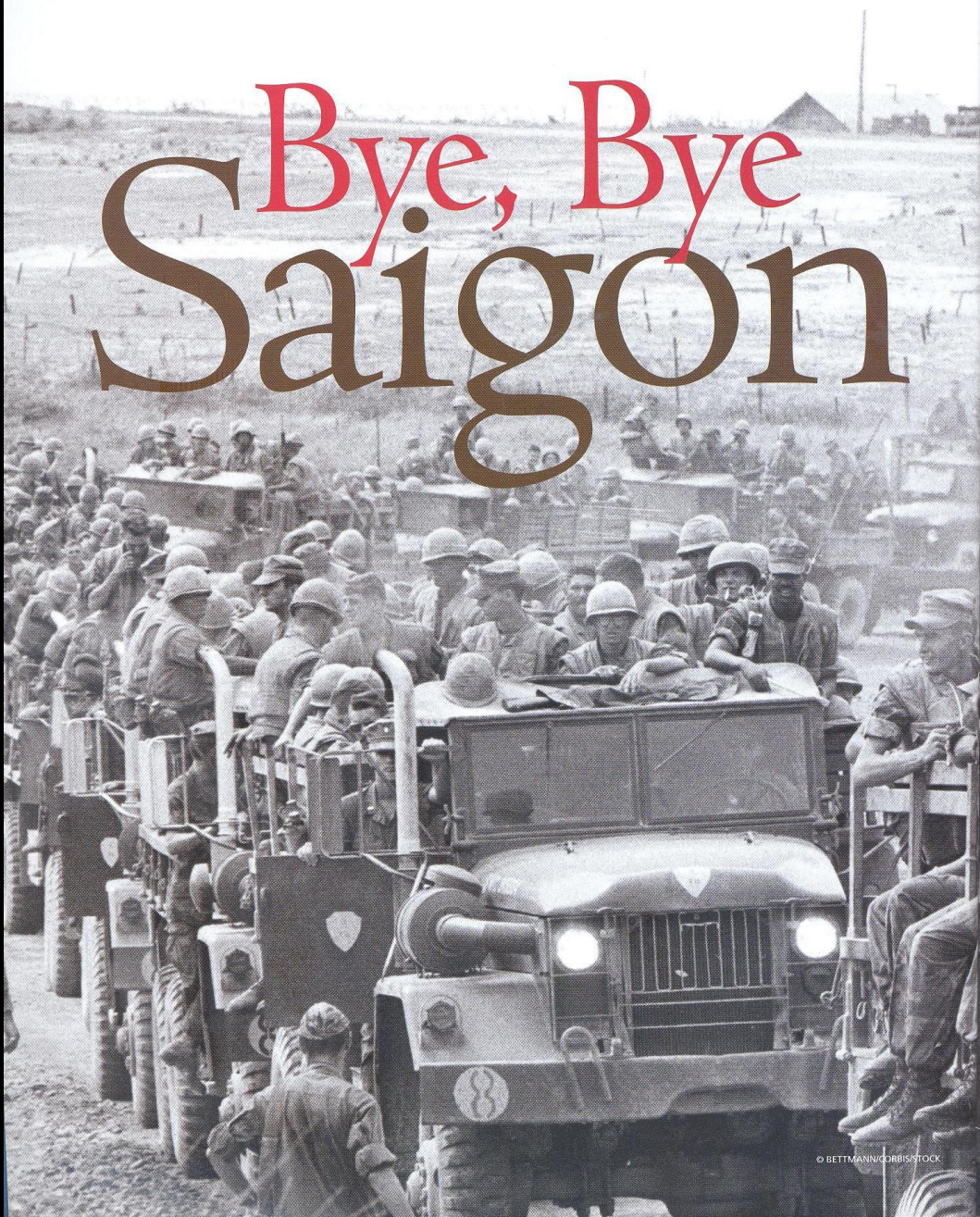
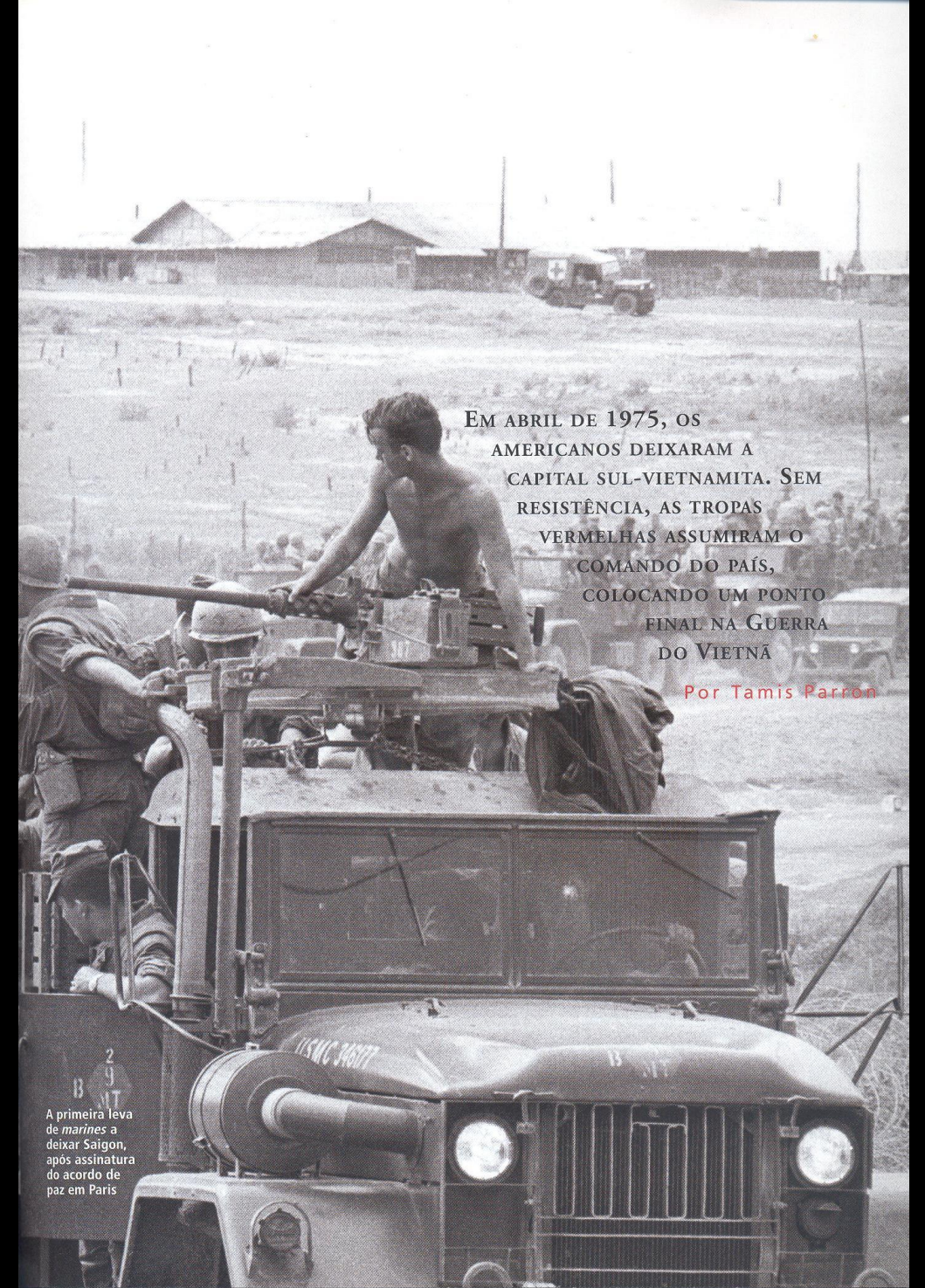
A humilhação da derrota desabou sobre a grande América. As conseqüências financeiras, políticas e sociais foram enormes e desastrosas. Os Estados Unidos saíam da guerra 167 bilhões de dólares mais pobres, com a economia em crise, a inflação em alta, e agora tinham de lidar com dois milhões de ex-combatentes, muitos viciados em heroína e sofrendo distúrbios psicológicos profundos. Um dado estarrecedor: mais militares americanos se suicidaram depois de retornar ao país, do que haviam morrido em combate no Vietnã. Em 1991, celebrando a vitória americana na Guerra do Golfo, George Bush disse: "Por Deus, finalmente acabamos de uma vez com a síndrome do Vietnã!" Esse termo, "síndrome do Vietnã", cunhado pelo presidente Richard Nixon, dá uma dimensão do peso que o país carregou devido à derrota. Curiosamente, é o filho de Bush que parece estar revivendo, no Iraque, os mesmos erros da Guerra do Vietnã, engajando o país numa batalha impopular e contra um adversário teoricamente fraco, mas que tem se revelado uma pedra no sapato dos Estados Unidos.

SAIBA MAIS

LIVROS

***A Grande Guerra*, de Marc Ferro, Edições 70, 2002**

***Deutsche Gesellschaftsgeschichte*, 1849-1914, de Hans-Ulrich Wehler, Beck München, 1995**

***Era dos Extremos – O Breve Século XX*, de Eric Hobsbawm, Companhia das Letras, 1995**

Bye, Bye Saigon

Em abril de 1975, os americanos deixaram a capital sul-vietnamita. Sem resistência, as tropas vermelhas assumiram o comando do país, colocando um ponto final na Guerra do Vietnã

Por Tamis Parron

A primeira leva de *marines* a deixar Saigon, após assinatura do acordo de paz em Paris

RETIRADA

No dia 30 de abril de 1975 chegou ao fim a mais longa guerra da história dos Estados Unidos. Derrotados pelos teimosos comunistas, os americanos se retiraram da terra de Ho Chi Minh, digamos, à francesa. O marco derradeiro do conflito foi a tomada de Saigon pelas tropas vermelhas. Contra todas as expectativas, os vietnamitas do norte haviam vencido a queda-de-braço contra a maior potência do mundo. Para os comunistas, a ocupação da capital do Vietnã aconteceu como um passeio dominical. A cidade sucumbiu sem resistência. "Nós sabíamos que os homens que corriam só de cueca e camiseta regata eram soldados. Eles não tiveram tempo de colocar roupas civis", comenta Pham Xuan The, na época assistente de infantaria do exército socialista e hoje general. O governo dos Estados Unidos, no entanto, deu duro para evacuar Saigon antes da invasão final. "Retirem os vietnamitas aliados que correm risco de morte. E evacuem todos os americanos. Repito: todos os americanos", dizia o telegrama transmitido às 6h30 do dia 29 de abril pelo secretário de Estado dos Estados Unidos Henry Kissinger ao embaixador em Saigon, Graham Martin.

A confusa evacuação de Saigon tem explicação. Em 1973, dois anos antes da ocupação da cidade pela trupe vermelha, o exército americano já havia deixado o Vietnã. Um acordo de paz tinha sido assinado em Paris e os vietnamitas do sul estavam, pelo menos em tese, sozinhos na briga contra os compatriotas do norte. Com o terreno livre das forças ocidentais, os comunistas vinham tomando um a um os vilarejos no caminho até Saigon. Nos dias que antecederam o golpe que pôs o ponto final no conflito, abiscoitaram seis locais estratégicos ao redor da capital sul-vietnamita. Só aí o governo dos Estados Unidos percebeu que os civis americanos e os sul-vietnamitas cúmplices do capitalismo corriam perigo. Com a ajuda dos *marines*, montaram às pressas um plano de fuga em massa: 50 mil vietnamitas e 6 mil americanos abandonaram a cidade pelos principais pontos de fuga da região, principalmente pelo aeroporto Tan Son Nhut. A debandada durou de 15 a 28 de abril. Na madrugada do dia seguinte, o galo cantou bem cedo na capital vietnamita: às 3h45 da manhã seis mísseis alvejaram o aeroporto. Em seguida, vieram mais 22. Até as seis da manhã, 140 projéteis já tinham esburacado toda a pista de decolagem e destroçado os aviões que estavam sendo usados na emigração apressada. Saigon virou um beco sem saída.

Desesperados, milhares de sul-vietnamitas invadiram a embaixada americana

COM A DESTRUIÇÃO DO AEROPORTO, EM ABRIL DE 1975, A CIDADE VIROU UM BECO SEM SAÍDA

BOM-DIA, VIETNÃ

Foi esse bom-dia mortífero que sepultou os únicos *marines* vitimados durante a evacuação de Saigon: Darwin Judge e Charles McMahon. A lembrança comove ainda hoje Ken Locke, o melhor amigo de infância de Darwin: "Ele estava de guarda naquela manhã em que os norte-vietnamitas atacaram o aeroporto para evitar a saída das pessoas. No dia seguinte, todos os *marines* tiveram que se refugiar na embaixada. O corpo de Darwin ficou abandonado na rua e só voltou para a família um ano depois do fim da guerra", diz. Tal ataque, de fato, não estava nos planos dos líderes americanos. Com a destruição do aeroporto, principal rota de fuga, uma nova medida tornou-se urgente. Kissinger deu a ordem: "Recorra à evacuação por helicóptero. Caças darão cobertura." A prioridade era retirar de Saigon os americanos. E os vietnamitas aliados, claro, ficariam a ver navios. A cidade virou, então, um pandemônio. Milhares de pessoas desesperadas se acotovelaram na frente da embaixada dos Estados Unidos. Ninguém queria dar as boas-vindas aos conterrâneos nortistas. Os *marines* puseram-se nos muros das dependências americanas e saraivaram balas de borracha para evitar uma invasão frenética. Só podiam passar pela peneira americanos com passaporte, sul-vietnamitas que tinham trabalhado para o governo dos Estados Unidos e sul-vietnamitas com autorização para deixar o país. A embaixada tinha apenas um heliporto. A tropa de elite teve de usar tinta luminosa para improvisar um outro local de pouso no terraço do prédio.

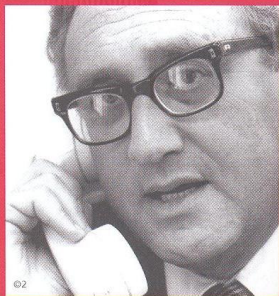
FUGA DESESPERADA

O plano era o seguinte: 81 helicópteros CH-46, com capacidade para transportar 20 pessoas, pousariam no teto da embaixada, enquanto os CH-53, com 50 lugares, aterrissariam no heliporto oficial. A operação começaria às 15 horas. Durante dezessete horas ininterruptas, as águias de aço chegariam e partiriam de dez em dez minutos. Os fujões seriam levados para 25 navios americanos ancorados no mar do sul da China. Por causa de tal frenesi, o plano ganhou o apelido de Vento Freqüente. Mas os pilotos logo deram o alarme: não seria possível encarar pousos e decolagens apressadas quando a noite caísse. A solução encontrada foi deixar carros com faróis acesos, iluminando o heliporto. E, no alto do prédio, no local de pouso improvisado, um projetor de slides de 35 milímetros serviu de luz. Assim a operação Vento Freqüente obteve um quase sucesso. Às 4 horas da manhã, foi dada a última ordem. Os *marines* deveriam abandonar a proteção da embaixada para embarcar na caravana de fuga.

Quando ainda restavam 200 soldados americanos para ser evacuados, uma horda de sul-vietnamitas invadiu o prédio, derrubando os portões com um carro-pipa, jogado contra a fortaleza dos Estados Unidos. Era a guerra entre os aliados. A turma desesperada entupiu os corredores da embaixada. Inconformados com a escapadela dos imbatíveis heróis norte-americanos, eles se esgoelavam: "Nós queremos partir também." No comando da operação, o *marine* Jim Kean lembra que vieram do chão tiros esporádicos: "Eu ordenei que os soldados ficassem longe da borda do terraço para não virarem alvos fáceis." O sargento John Valdez ainda sente na pele o desalento daqueles minutos finais: "De repente, às 6 da manhã, os helicópteros comeram a sumir. Por dez anos, eu tinha ouvido histórias sobre as torturas que os prisioneiros sofriam nas mãos dos comunistas. Essas eram, no entanto, as piores imagens, e que nunca saíram da minha cabeça." O último helicóptero abarrotado com *marines* remanescentes decolou às 7h58 da manhã de 30 de abril. Cerca de 10 mil sul-vietnamitas, muitos ex-funcionários do governo americano, ficaram para trás. Menos de uma hora depois, assistiram à chegada dos tanques dos norte-vietnamitas.

HENRY KISSINGER DEU A ORDEM PARA A EVACUAÇÃO DE SAIGON

©2

©1 BETTMANN/CORBIS/STOCK ©2 DIVULGAÇÃO

Tanques do Vietnã do Norte invadem a sede do governo em Saigon sem encontrar resistência

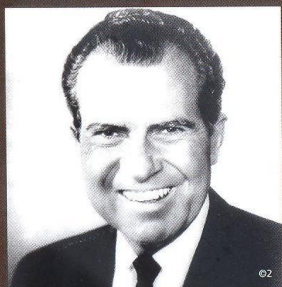
©1

BANDEIRA VERMELHA

Saigon assistiu de joelhos à entrada das 17 divisões do exército do Vietnã do Norte. Dos 51 mil combatentes vermelhos, muitos estavam descalços e não passavam de adolescentes. O triunfo apoteótico também foi marcado por trapalhadas. Muito jovem e despreparada, a soldadesca teve que parar os tanques pelas ruas para perguntar aos transeuntes assustados onde ficava o tal palácio presidencial que teriam que invadir. Os blindados, todos vindos da União Soviética, eram do modelo T-54. A tomada da sede do governo por pouco não se transformou em uma comédia pastelão: ao arrombar um dos portões, um tanque ficou atolado nos entulhos. Dentro do palácio, comunistas do norte e capitalistas do sul tiveram o encontro que marcou o fim da guerra. "Não sabíamos quantos estavam lá dentro. Quando entramos numa das grandes salas, cerca de 30 a 40 pessoas ficaram de pé. Vimos que eles estavam apavorados. Foi-nos apresentado um homem alto: era o recém-empossado presidente Duong Van Minh", recorda-se o general Phamg Huan The.

Minh foi levado pelos comunistas à rádio de Saigon em um jipe abandonado pelos americanos. Às 10h24, ele leu os termos de rendição escritos em um pedaço de papel por um soldado norte-vietnamita. O garrancho era tão ilegível que a declaração foi soprada para o presidente, que balbuciou a mensagem de paz: "Eu acredito profundamente na reconciliação entre os vietnamitas, para que seja evitado qualquer derramamento de sangue. Por isso, peço aos soldados da República do Vietnã que cessem as hostilidades com calma e permaneçam onde quer que estejam."Quase duas horas depois, às 12h15, seria hasteada a bandeira dos vietnamitas do norte, com uma faixa azul, outra vermelha e uma estrela no meio. A bandeira da estrela solitária, que tinha derrotado sozinha as 50 estrelas da bandeira dos Estados Unidos.

PAZ DEMORADA

EM 1973, NIXON ASSINOU A PAZ EM PARIS, MAS CONTINOU EM GUERRA

Em janeiro de 1973, um tratado assinado em Paris acabou formalmente com a guerra do Vietnã. Os Estados Unidos retirariam suas tropas em troca da libertação de 591 prisioneiros. O presidente Richard Nixon, no entanto, fez jogo duplo: assinou o armistício, mas continuou financiando por baixo dos panos o Vietnã do Sul. Ele ainda mandou intensificar o bombardeio no vizinho Camboja. Em seis meses, o país viu cair do céu 250 mil toneladas de bombas, mais do que foi jogado sobre o Japão durante toda a II Guerra Mundial. Com tal atitude, Nixon queria que os comunistas soubessem que o poderio dos Estados Unidos continuava rondando a Indochina. Em 1975, um ano antes do fim da guerra, o presidente Nixon renunciou. E o Vietnã do Sul perdeu o apoio. O escândalo Watergate obrigou o presidente a deixar o cargo. Para completar os ventos favoráveis que sopravam para o norte vietnamita, movimentos pacifistas desencorajaram medidas beligerantes no Congresso. No final do mesmo ano, o comitê militar do Partido Comunista do Vietnã do Norte, enfim, percebeu a maré favorável e decidiu engolir de vez a metade capitalista do país, que ainda enfrentava problemas de corrupção no governo e desmoralização das tropas. A história impossível estava para ser escrita: Cartago venceria Roma.

SAIBA MAIS

LIVROS

America's Longest War: The United States and Vietnam, 1950-1975, de George C. Herring, McGraw-Hill, 1996

The Endless War – Vietnam's Struggle for Independence, James P. Harrison, Columbia University Press, 1989

SITES

www.nytimes.com/learning/general/specials/saigon/

www.fallofsaigon.gov

www.news.bbc.co.uk

Com a destruição do aeroporto de Saigon, os helicópteros protagonizaram a fuga

Com a palavra, os vietnamitas

Trechos de entrevistas com guerrilheiros do Vietnã mostram o lado da guerra que Hollywood não filmou

Por Carla Aranha

Os jovens que empunhavam armas sonhavam com uma nação independente

As mazelas vividas pelos soldados americanos todo mundo conhece. Afinal, a experiência dos Estados Unidos em solo asiático caiu na boca do povo. Literalmente. A visão dos guerrilheiros do Vietnã, no entanto, permanece longe dos holofotes. Até os dias de hoje, os vencedores estão mudos. A guerra acabou – e a vida seguiu nos arrozais, nas montanhas, nas selvas e nas cidades vietnamitas. Sem estardalhaço. Em raras ocasiões eles se pronunciaram ou foram ouvidos pelo mundo. Na voz de personagens célebres ou anônimos do Vietnã, porém, "a guerra dos Estados Unidos", como eles chamam o embate que matou mais de um milhão de pessoas daquele país, assume outros contornos, algumas vezes heróicos, algumas vezes cruéis.

"Se o inimigo pressentisse a nossa presença, estávamos mortos."

"O perigo de ser atacado pelo inimigo era constante. Os soldados do Vietnã do Sul sempre estavam a poucos passos. E mal tínhamos o que comer. Era só arroz. Fomos abrindo a trilha aos poucos, durante o tempo em que as tropas de Diem paravam para jantar. Alguns de nós saíam então dos buracos onde ficávamos durante o dia para ver se o local estava seguro. Se estivesse, o resto do grupo também saía da toca. Íamos colocando pedaços de plástico no chão e pisávamos em cima para não deixar pegadas. Todo cuidado era pouco. Se o inimigo pressentisse a nossa presença, estávamos mortos. Quando chegávamos na trilha pegávamos as picaretas e continuávamos o trabalho na estrada. Depois de uma ou duas horas, todo mundo voltava para os buracos. A vida na selva era indescritível. Dormíamos sobre folhas colocadas em cima da terra, para não deixar pistas, e passávamos muita fome. Imagine o que é comer só arroz o tempo todo? Além do mais, todos nós tínhamos a mais completa noção de que podíamos ser mortos a qualquer momento. O perigo era enorme. Mas queríamos um Vietnã livre da dominação estrangeira. Era muito amor pelo país e um forte espírito revolucionário."

Nguyen Danh, que comandou 300 homens na abertura da trilha Ho Chi Minh. O caminho, que se estendia ao longo da fronteira entre Vietnã e Camboja, foi construído de 1959 a 1962

DEPOIMENTOS

"Eu estava em Hanói e acompanhei de perto os bombardeios. No começo, os americanos só miravam alvos militares. Tinham uma precisão impressionante. As pessoas que moravam lá acabaram se habituando com esses bombardeios, e muitos até gostavam de assisti-los. Era um programa. Na primeira vez que os inimigos bombardearam alvos civis, todo mundo foi pego de surpresa, até eu. Ninguém esperava aquilo. Matar pessoas inocentes é crime de guerra, pela Convenção de Genebra, e não havia necessidade de jogar bombas no centro da cidade. Acho que os americanos queriam fazer pressão política. As primeiras bombas que caíram fizeram um estrago tremendo. Morreram centenas de pessoas. As bombas carregavam bolinhas de aço que penetravam nos órgãos e provocavam uma dor horrível antes de matar a vítima. A população passou a odiar os americanos. Quando um soldado era capturado, os moradores queriam linchá-lo. A polícia tinha que protegê-lo. Vi muita gente morrer na rua. Cabeças explodiam, era braço e perna para tudo quanto era lado."

Bui Van Tai, sargento do exército do Vietnã do Norte. Hanói foi alvo de sucessivos bombardeios americanos até 1972

"...não havia necessidade de jogar bombas no centro da cidade. Elas carregavam bolinhas de aço que penetravam nos órgãos e provocavam uma dor horrível antes de matar a vítima."

"Com a repressão ao Budismo, percebemos que tínhamos que fazer algo para difundir os ensinamentos de Buda. Resolvemos mandar religiosos pregarem nas aldeias. Como só os católicos recebiam ajuda financeira do governo, as pessoas estavam abandonando o Budismo, até então majoritário no país. A situação piorava a cada dia. Não podíamos nem mesmo nos reunir livremente. Depois da auto-imolação de Quang Duc, um grande escândalo internacional, Diem cercou Hue, o maior centro budista do Vietnã. Por pouco não morremos todos. Ficamos sem comida, sem água. Quando o cerco acabou, recebemos um aviso de que a polícia atacaria todos os templos do Vietnã do Sul. Optamos, então, por um protesto pacífico. Sentamos no chão, em posição de lótus, e ficamos meditando, enquanto os soldados invadiam nossas casas. O ato comoveu até os policiais, que pediram perdão pela violência."

Gian Duc, líder budista que deixou o Vietnã durante o conflito. O governo de Ngo Dinh Diem reprimiu violentamente o Budismo até ser deposto, em novembro de 1963

"Em 1964, os aviões americanos começaram a aparecer nos céus do Laos, na fronteira com o Vietnã, onde eu e outros guerrilheiros vietnamitas estávamos acampados. Um dia caiu um avião bem perto de nós. Conseguimos capturar um dos pilotos. A notícia do desaparecimento dele foi dada na rádio BBC e na Voice of América. Pensamos que devia ser uma pessoa importante e perigosa. O comandante da minha unidade me pediu para interrogá-lo. Mas meu inglês era horrível. Escrevi em um papel algumas perguntas básicas. Precisávamos saber com urgência qual era o código que ele usaria para se comunicar com seus companheiros. No dia seguinte à captura, as tropas dos Estados Unidos iriam, com certeza, procurar o piloto. Aí bolamos um plano. O nosso soldado mais alto e corpulento se faria passar pelo americano, usando as roupas dele, para atrair as patrulhas. Quando o helicóptero e os jatos americanos se aproximaram, ele saiu correndo para uma clareira. O plano ia muito bem até os pilotos gritarem perguntas em inglês. O nosso companheiro não entendeu nada, mas teve uma idéia brilhante. Jogou-se no chão, fingindo um desmaio. Aí, sem que os inimigos esperassem, abrimos fogo e derrubamos o helicóptero."

Van Anh, guerrilheiro vietcongue. Mais de 2 mil soldados americanos constam da lista de desaparecidos na guerra do Vietnã

"Eu sempre tremia quando tinha que passar pelo arame cheio de minas nas mãos."

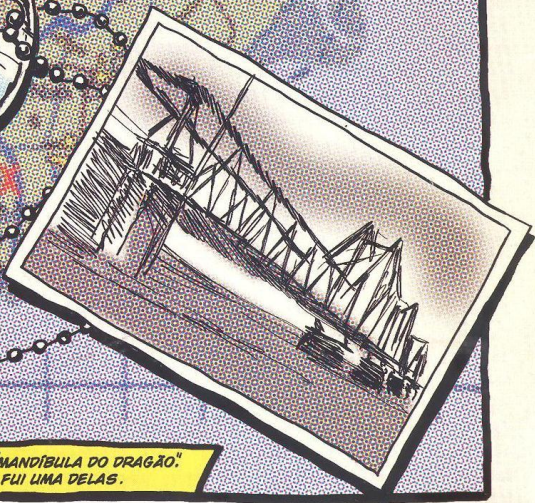
"Minha missão era considerada a mais perigosa da guerra. Fui destacado para armar minas nas zonas de combate. Os americanos faziam uma guerra moderna, com artilharia, suporte aéreo, helicópteros. Nós, os armadores de minas, nos especializamos no combate corpo-a-corpo. Aprendíamos como rastejar, como se mover silenciosamente na lama e na água, como andar sobre folhas secas... Antes de colocar as minas, preparávamos o campo de batalha. Isso significava chegar o mais perto possível dos americanos, para saber exatamente onde estavam todas as posições. Tínhamos que passar debaixo do arame farpado do campo inimigo sem deixar rastros. Eu sempre tremia quando tinha que passar pelo arame cheio de minas nas mãos. Se um americano pegasse a gente ali, era morte na certa. Depois que as granadas explodiam tínhamos que voltar o mais rápido possível. O principal objetivo era destruir o local onde ficavam as armas. Acabavam morrendo muitos soldados também. Era inevitável. Mas estávamos em guerra, e o nosso lado tinha muito menos recursos do que eles."

Nguyen Van Mo, sargento do exército do Vietnã do Norte. As minas, criadas a partir do reaproveitamento de bombas inimigas, eram uma das armas dos soldados comunistas

SAIBA MAIS

Vietnam, a Portrait of its People at War, David Chanoff e Doan Van Toai, I..B. Tauris, 1986

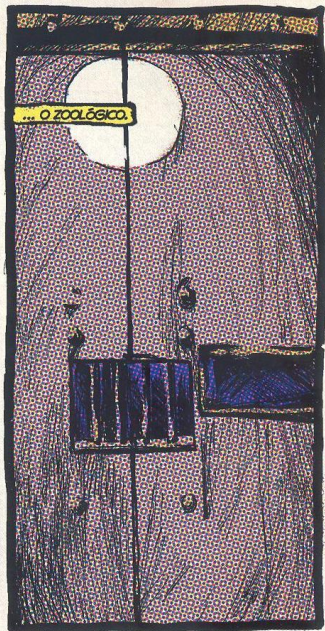
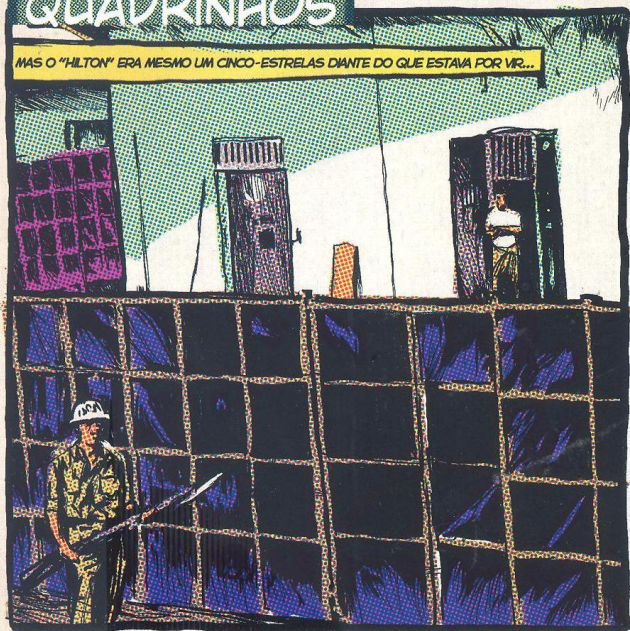
MANDÍBULA DO DRAGÃO

TEXTO: FÁBIO MARTON
ARTE: D'ANGELO

ELES CHAMAM ESTA PONTE DE HAN RONG, QUE SIGNIFICA "MANDÍBULA DO DRAGÃO."
104 ALMAS FORAM TRAGADAS POR ESTA BOCA MALDITA. EU FUI UMA DELAS.

3 DE ABRIL DE 1965. PORTA-AVIÕES USS HANCOCK, MAR DA CHINA

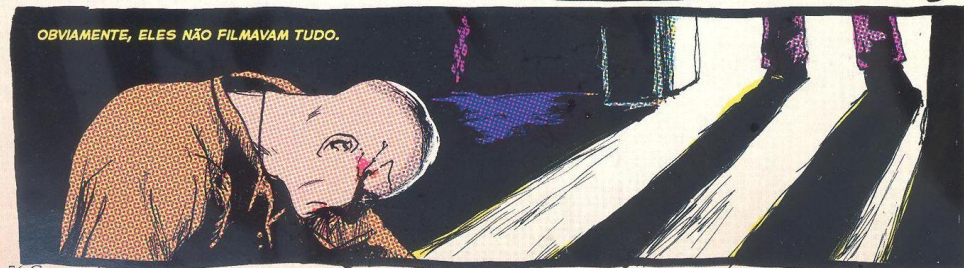
NÃO BASTASSE TER MEU AVIÃO ABATIDO, QUEBREI AS DUAS PERNAS AO CAIR.

MAS NUNCA DIGA "NÃO PODIA SER PIOR"...

MAS O "HILTON" ERA MESMO UM CINCO-ESTRELAS DIANTE DO QUE ESTAVA POR VIR...

... O ZOOLÓGICO.

O ZOOLÓGICO, NOS SUBÚRBIOS DE HANÓI, ERA UM DOS CHAMADOS "LOCAIS DE EXIBIÇÃO". OS VIETCONGUES FILMAVAM A GENTE JOGANDO BASQUETE, VÔLEI...

... E ATÉ A NOSSA "CONFRATERNIZAÇÃO" DE NATAL. ISSO ERA DISTRIBUÍDO COMO PROPAGANDA DE COMO NOS TRATAVAM DE FORMA HUMANA.

OBVIAMENTE, ELES NÃO FILMAVAM TUDO.

MARÇO DE 1967

PELO MENOS AGORA NÃO ESTOU SOZINHO. EU NÃO TINHA COMO SABER, MAS A "MANDÍBULA" ENGOLIA MAIS ALGUNS CAMARADAS.

AQUELA FOI A ÚLTIMA TENTATIVA. A "MANDÍBULA DO DRAGÃO" NUNCA FOI DESTRUÍDA.

WOOOMF

EM SETEMBRO DE 67, EU SÓ PENSAVA EM VOLTAR PARA CASA NO FIM DA GUERRA.

AH, ESQUECI DE APRESENTAR ALGUNS AMIGOS:

ESSE É O ELFO.

E ESSE É O TROÇO.

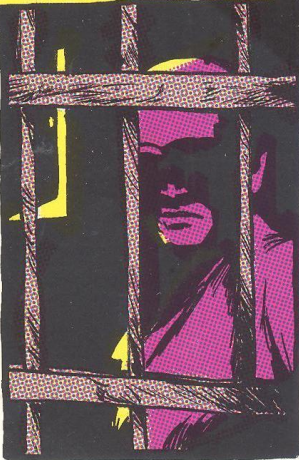
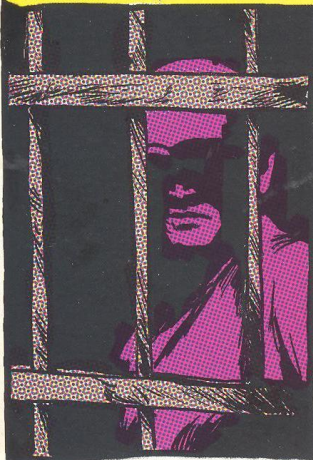
QUANTO AO CARA COM SOTAQUE ESPANHOL, MEU AMIGO O BATIZOU DE "FIDEL"!

"FIDEL" ERA UM TORTURADOR PSICOLÓGICO DE MARCA MAIOR. ELE PARECIA DAR LIÇÕES AOS VIETCONGUES. ÀS VEZES SE FAZIA DE "TIRA BOM" E ERA MUITO SIMPÁTICO...

... MAS OUTRAS VEZES ERA UM TREMENDO FILHO-DA-P...
VAI SER UM BOM RAPAZ AGORA, CABRÓN?

ABRIL DE 1968: EARL COBIEL, SANGUE NOVO. "FIDEL" NÃO GOSTAVA MUITO DESSE CARA.

ELE NÃO DUROU MUITO. O QUE HAVIA PARA SER ARRANCADO DE EARL NÃO TINHA QUALQUER VALOR MILITAR. APENAS A DIGNIDADE E SUA VIDA.

"FIDEL" SE FOI, EU FIQUEI. MAIS 5 ANOS NO INFERNO. FOI O TORMENTO ETERNO. SEM DÚVIDA, CERTAS COISAS PODEM AO MESMO TEMPO ACABAR E CONTINUAR ETERNAS. EM 1973, APÓS NEGOCIAÇÕES, FUI ENTREGUE DE VOLTA AOS EUA.

DE VOLTA À HUMANIDADE, SEGUI CARREIRA NA MARINHA.
EM 1986, FUI REFORMADO, COMO CAPITÃO.
APESAR DOS ESFORÇOS, "FIDEL" NUNCA FOI ENCONTRADO.
FIM

Milhares de coreanos migraram em direção ao sul, fugindo dos campos de batalha que assolavam o país

Guerra inacabada

Nos anos 50, as duas Coréias se enfrentaram pela unificação. Mais de meio século depois, os dois países ainda vivem o clima de tensão

Por Eliza Muto

ais de cinqüenta anos já se passaram desde o cessar-fogo entre a Coréia do Norte e a Coréia do Sul. Mas, para quem vive na fronteira entre os dois países, o tempo parece não ter passado. Todos os dias militares armados até os dentes perambulam de um lado para outro. A missão da soldadesca é patrulhar a chamada "zona desmilitarizada", a disputada terra de ninguém que divide o território coreano no paralelo 38. A vigília ininterrupta tem explicação. Tecnicamente, a guerra da Coréia não terminou: o armistício foi assinado em 27 de julho de 1953. Só que não houve um acordo formal de paz. Até hoje, a faixa que corta a península ao meio é cercada por barreiras de arame farpado. De um lado, mais de um milhão de soldados norte-coreanos protegem seu pedaço. A outra porção conta com 660 mil combatentes sul-coreanos e 37 mil americanos. Todos de prontidão 24 horas por dia. Ironicamente, a "zona desmilitarizada" é a mais militarizada do mundo.

Pela faixa de terra de 4 quilômetros de largura já marcharam tropas do norte e do sul, ambas interessadas em construir uma única Coréia. A diferença é que o norte sonha com uma península comunista. E o sul, com uma democracia capitalista. A luta pela unificação do país começou às 4 horas da manhã do dia 25 de junho de 1950, em um ataque-surpresa do Exército Popular da Coréia do Norte. Uma imensa força invasora de 135 mil homens, com apoio material da União Soviética, atravessou o paralelo 38 em direção à capital sul-coreana. O resultado foi arrasador. Como se não bastasse estar em desvantagem militar – com menos homens e equipamentos –, metade dos soldados sulistas havia deixado seus postos na fronteira para passar o final de semana com a família.

© CORBIS/STOCK PHOTOS

Cruzador americano USS Missouri bombardeia forças norte-coreanas em outubro de 1950

Na manhã daquele mesmo dia, o líder norte-coreano, Kim Il-sung, o mais longevo ditador da história, justificou o ataque em discurso à rádio oficial de Pyongyang. Em mensagem endereçada ao povo da Coréia do Sul, disse que a invasão era uma resposta à "investida injusta" feita pelas forças armadas da República da Coréia. Na verdade, a ofensiva tinha sido motivada por outra razão: o esperado apoio da União Soviética. Há alguns anos, o ditador vinha tentando convencer o aliado comunista a dar o sinal verde para a investida contra a porção sul da península. O jornalista e professor de Relações Internacionais da Universidade John Hopkins, Don Oberdorfer, revela em seu livro *The Two Koreas* ("As Duas Coréias", inédito no Brasil) que, em diversas circunstâncias nos anos de 1949 e 1950, Kim implorou a Joseph Stalin e seus diplomatas que autorizassem a invasão. Em uma das ocasiões, disse a uma autoridade soviética: "Ultimamente, não tenho dormido à noite, pensando em como resolver a questão da unificação de todo o país. Se a questão da libertação do povo da porção sul da Coréia e da unificação da nação for prolongada, posso perder a confiança do povo."

CONQUISTA DE SEUL

Nas semanas que se seguiram ao ataque, Kim teve motivos de sobra para não pregar o olho. Rapidamente, as forças comunistas rumaram em direção a Seul. "Nossa corporação tinha uma ordem de ocupar a parte leste de Seul e completar sua missão em 48 horas", conta o general Choe Lin, chefe da 2ª Corporação. Essa era tarefa fácil para os tanques T-34 de fabricação soviética, que nem se abalavam com os tiros de artilharia de 57 mm ou foguetes de 2,36 polegadas, as principais armas contra blindados das forças inimigas. Os carros de combate entraram nos arredores da capital sul-coreana à 1 hora da madrugada de 28 de junho. E às 2h15, Seul caiu. Em pouco tempo, os soldados do norte tomaram controle de quase toda a península, deixando os defensores encurralados em um pequeno canto do sudeste do país, conhecido como o "perímetro de Pusan".

Foi somente após a queda de Seul que os Estados Unidos perceberam o real perigo do avanço comunista na península coreana. Até então, a Coréia do Sul não era uma prioridade para a política externa americana, que considerava o país uma área auxiliar para a segurança e defesa do Japão. Em 1949, por exemplo, retiraram suas forças de ocupação da metade capitalista, deixan-

do apenas um pequeno número de assessores militares. A medida podia parecer drástica, mas, afinal, a União Soviética também havia retirado suas tropas da península. A diferença foi que os soviéticos tiveram a precaução de fazer isso só depois do estabelecimento de um exército bem equipado e treinado no norte. O ataque de Kim, no entanto, despertou os americanos. Na tarde de 25 de junho, o presidente Harry Truman reuniu-se com seus principais conselheiros. Eles foram unânimes em reconhecer a gravidade da situação e concordaram com o general Omar Bradley, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Na opinião do general, a Rússia "ainda não está preparada para a guerra, mas obviamente os russos estão nos testando na Coréia, e a linha deve ser traçada agora". A Guerra Fria começou a esquentar.

O GENERAL MACARTHUR LIDEROU O CONTRA-ATAQUE OCIDENTAL NO PORTO DE INCHON

GUERRA FRIA

O presidente americano determinou o envio de armas para o exército sul-coreano. E também autorizou o general Douglas MacArthur a dar proteção militar para a entrega do material, assim como para a evacuação dos americanos da região. No dia 29 de junho, Truman decidiu também enviar ao país duas divisões de soldados americanos que estavam no Japão. Afinal, a situação estava cada vez mais quente naquelas bandas. O ditador Kim Il-sung havia deixado claro: não aceitaria a resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, adotada em 25 de junho por 9 a 0, com a abstenção da Iugoslávia, que exigia que a Coréia do Norte retirasse suas tropas o mais rápido possível do solo sul-coreano. "A guerra da Coréia estabeleceu a Guerra Fria e fez com que a península coreana se tornasse o centro da atenção global", avalia Oberdorfer.

O clima esquentou ainda mais quando o Ocidente decidiu se unir para conter o avanço comunista. Dois dias depois do pronunciamento do líder norte-coreano, as Nações Unidas solicitaram aos países membros ajuda para a Coréia do Sul. No total, além dos Estados Unidos, 15 países enviaram cerca de 300 mil soldados para a região. O contra-ataque teve início em 15 de setembro, quando o general MacArthur desembarcou suas tropas na cidade portuária de Inchon, na porção oeste da península. Era uma manobra arriscada: os soldados precisavam vencer as marés imprevisíveis de um porto rochoso e escalar paredões de quase 6 metros para então enfrentar uma ilha fortificada e uma cidade ocupada por forças norte-coreanas. Mas, contrariando todas as previsões pessimistas, o general americano liderou uma jogada de mestre. Após um bombardeio preparatório, dois batalhões entraram em Inchon, batendo a resistência com poucas baixas. Ao mesmo tempo, os americanos romperam o cerco a Pusan e iniciaram uma investida em direção ao norte. Os comunistas entraram em pânico e bateram em retirada. E o que era imaginável aconteceu: os ocidentais recapturaram Seul.

O general MacArthur poderia ter parado no paralelo 38, já que a Coréia do Sul estava livre. Mas agora os Estados Unidos tinham outros planos: queriam unificar a Coréia sob um único

SANGUE CIVIL

Durante a Guerra da Coréia, uma unidade do exército dos Estados Unidos matou a sangue-frio cerca de 300 civis no vilarejo de No Gun Ri, a 160 km de Seul. Foi o segundo maior massacre cometido por tropas americanas no século 20, perdendo apenas para a matança de My Lai, no Vietnã, quando 504 pessoas foram mortas em 1968. A trágica história aconteceu nos primeiros dias de conflito, quando recrutas inexperientes receberam ordens do alto escalão americano para impedir – se necessário à força – a passagem de civis por suas linhas de defesa. Os jovens combatentes responderam abrindo fogo contra centenas de camponeses amontoados próximos a uma ponte de No Gun Ri durante três dias. O resultado: mais de 300 mortos. O episódio veio à tona somente em 1999, quando uma equipe de jornalistas publicou uma série de reportagens sobre o massacre com base em entrevistas com sobreviventes coreanos e veteranos de guerra americanos. Relutante no início, Washington só reconheceu o crime de guerra dois anos depois.

As vítimas mais atingidas eram civis. Em fuga, mulheres e crianças foram alvo fácil da artilharia americana

governo pró-ocidente. MacArthur também acreditava que aquele era um momento favorável para um golpe decisivo contra o comunismo. Em 30 de setembro, ele mandou um recado para Kim Il-sung: os comunistas deveriam depor as armas e se render. O supremo comandante do Exército Popular ignorou o ultimato do general americano e, imediatamente, o exército das Nações Unidas atravessou o paralelo 38. Em sua marcha para o norte, deram o troco e tomaram a capital do norte, Pyongyang, em 20 de outubro.

A CHINA ENTRA NA BRIGA

A ousadia do Ocidente teve um preço alto: a entrada da China no conflito. Pequim já havia sinalizado que não toleraria a aproximação das tropas lideradas por MacArthur do território chinês. Alguns dias depois que os soldados das Nações Unidas cruzaram o paralelo 38, centenas de milhares de chineses invadiram a península coreana pela Manchúria. "Todo o povo chinês decidiu, voluntariamente, dedicar-se ao dever sagrado de resistir à América, ajudando a Coréia do Norte e defendendo seus lares e suas terras", declarou o líder chinês Mao Tsé-tung, em novembro. A guerra tomava novos rumos. Sob o comando do célebre líder guerrilheiro Lin Piao, os chineses reconquistaram a capital do norte em 4 de dezembro. A massa de soldados também fez com que as tropas das Nações Unidas batessem em retirada desordenada. E, em 4 de janeiro de 1951, Seul foi novamente capturada pelos comunistas. Abalado, o general MacArthur avisou Washington. "Estamos enfrentando uma guerra completamente nova", declarou. Para ele, medidas mais duras precisavam ser tomadas.

Por pouco o mundo não assistiu à Terceira Guerra Mundial. "Pesquisas recentes revelam que o presidente Truman esteve muito perto de utilizar bombas atômicas contra cidades norte-coreanas e chinesas em abril de 1951. Mas ainda sabemos muito pouco sobre esse grande segredo", revela o professor da Universidade de Chicago, Bruce Cumings, especialista em História da Coréia. A eclosão de um conflito total só foi evitada graças à moderação de Stalin durante a refrega, segundo o especialista. "Diria que a cautela de Stalin foi mais importante que qualquer ou-

As 19 estátuas do Memorial de Veteranos da Guerra da Coréia, em Washington, DC, são uma homenagem aos americanos que morreram durante o conflito

© 1

tra coisa para impedir a Terceira Guerra. Cinicamente, ele se distanciou de Kim Il-sung após a ocupação americana da Coréia do Norte e estava feliz em ver os americanos entrarem em guerra com a China", avalia Cumings. "Stalin não queria que a guerra assumisse proporções globais. Ele sabia que perderia a um preço terrível, já que os Estados Unidos tinham pelo menos 350 bombas atômicas e a União Soviética, cerca de 25", acrescenta.

Em 1951, os líderes chegaram à conclusão de que a guerra havia ido longe demais. Ambos os lados viram-se diante de um estado de impasse, com a recuperação do exército das Nações Unidas que, em 30 de abril, avançou a linha de frente para os arredores do paralelo 38. Assim como no início do conflito, os inimigos se defrontavam na faixa de terra que divide as duas Coréias. Foi então que o presidente americano anunciou que as Nações Unidas estavam dispostas a assinar um cessar-fogo. Mas, antes de levar a cabo sua estratégia, teve de enfrentar um "adversário" muito próximo: o ambicioso general MacArthur. Ele defendia um ataque direto à China e pronunciou aos quatro ventos sua opinião. Foi a gota d'água. O presidente exonerou MacArthur por insubordinação em abril e as negociações de paz tiveram início em 10 de julho.

As conversações se arrastaram por dois anos, com intermináveis discussões sobre questões como a repatriação de prisioneiros e o posicionamento da linha de armistício. A morte de Stalin, em março de 1953, acelerou o processo. E, em 27 de julho de 1953, o armistício acabou, enfim, assinado, com o estabelecimento da fronteira no paralelo 38 e a criação da Zona Desmilitarizada – mais conhecida pela sigla em inglês DMZ. Com o armistício, a sombra de uma guerra mundial se dissipou. Mas a península coreana estava devastada. Embora os números sejam incertos, estimativas indicam que, em três anos de conflito, as tropas comunistas sofreram baixas de 900 mil chineses e 520 mil norte-coreanos. Do lado inimigo, mais de 130 mil soldados sul-coreanos e 54 mil combatentes americanos morreram durante a guerra. O embate deixou marcas profundas nas duas Coréias. Até hoje famílias estão separadas pelo paralelo 38. Inicialmente, a intenção era de que o armistício fosse temporário. De acordo com o documento, o cessar-fogo seria mantido "até que um acordo de paz final fosse atingido". Só que tal tratado de paz nunca aconteceu. E essa assustadora faixa de terra que divide a península continua petrificada no tempo.

Em breve, Kim apagará de seu documento de identidade o termo "nacionalidade ignorada"

SAIBA MAIS

LIVROS

Korea's Place in the Sun - A Modern History, Bruce Cumings, Norton, 1997

The Two Koreas – A Contemporary History, de Don Oberdorfer, Basic Books, 1997

The Korean War – The First Comprehensive Account of the Historical Background and Development of the Korean War, de Kim Chum-Kon, Kwangmyong Publishing Company, 1973

The Bridge at No Gun Ri - A Hidden Nightmare from the Korean War, de Sang-Hun Choe, Martha Mendoza e Charles J. Hanley, Henry Holt & Company, 2001

SITES

http://www.korea50.army.mil

PORTAS DO PARAÍSO

Em 6 de janeiro de 1956, Kim Chang Eon, ex-prisioneiro da Guerra da Coréia, desembarcou no Rio de Janeiro com um grupo de 50 norte-coreanos. A cidade estava em festa, em pleno carnaval. Para o soldado, as ruas cariocas tornaram-se portas do céu. "Depois de viver o inferno da guerra, o Brasil parecia o paraíso", recorda-se. Desde que chegou aqui, Kim nunca mais voltou para casa. E confessa: não tem vontade de retornar ao cenário do conflito. "Quando você apanha uma vez da guerra, não apanha nunca mais", diz.

O Brasil foi um dos poucos países que acolheram ex-prisioneiros coreanos. No contexto da Guerra Fria, era uma questão delicada tomar partido. Mesmo assim, o governo brasileiro deu asilo a soldados que haviam sido capturados pelas tropas das Nações Unidas e se recusaram a voltar para a terra natal após a assinatura do armistício, em 1953. Uma vez no Brasil, eles queriam esquecer a insanidade dos campos de batalha. Desse período, Kim só traz más lembranças. "Um dia, o exército apareceu em minha escola e nos levou para a guerra. Nem tive tempo de me despedir dos meus pais", conta ele. "Eu ainda era moleque e nem sabia usar uma arma." Aos 71 anos, Kim adotará definitivamente a pátria brasileira. Quer apagar de seu documento de identidade o termo "nacionalidade ignorada" e aguarda seu pedido de naturalização: "Eu me considero brasileiro."

Conflito desigual

NAS SELVAS E CIDADES, O GIGANTESCO ARSENAL AMERICANO ENFRENTOU A CRIATIVIDADE MILITAR DOS VIETNAMITAS

Por Fabiano Onça | Ilustrações Kako

A guerra do Vietnã foi, em termos de armas, um conflito desigual. De um lado, os Estados Unidos, com amplos recursos e o mais moderno arsenal do planeta. Do outro, o exército do Vietnã do Norte e a guerrilha vietcongue, cujo principal trunfo era a habilidade de transformar ferro-velho em armas letais. Mas a desvantagem bélica dos vietnamitas pôde ser compensada, em parte, pela ajuda de seus amigos comunistas. URSS, China e Tchecoslováquia inundaram Hanói com todo tipo de armamento. E as batalhas se transformaram em uma verdadeira queda-de-braço entre as indústrias bélicas do capitalismo e do comunismo.

FICHA TÉCNICA - CH-47A

Motor/Empuxo
2 Textron Lycoming T55-L712 com 4.500 HP

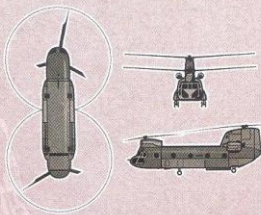
Comprimento	30 m
Largura	3,8 m
Altura	5,8 m
Peso	8,4 t
Soldados transportados	33
Tripulação mínima	4
Capacidade de carga interna	4,5 t
Capacidade de carga externa (com ganchos)	7,2 t
Velocidade máxima	296 km/h
Autonomia de vôo	360 km
Teto de vôo (altura)	3.000 m

Armamento: metralhadora 7.62 mm na porta

CH-47A CHINOOK

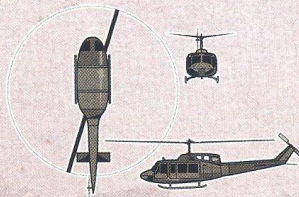
O Chinook foi usado para transportar peças de artilharia, munição, suprimentos e soldados. Também foi muito útil em atendimentos médicos, missões de resgate e outras operações especiais.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

O modelo CH-47A entrou em combate pela primeira vez em 1962 e logo se tornou o "burro de carga" do exército americano. Graças a ele, foi possível transportar uma grande quantidade de material pelas selvas e montanhas do inóspito Vietnã.

BELL UH-1D IROQUOIS (HUEY)

Apelidado de Huey – ou "Huguinho" em inglês, alusão a um dos sobrinhos do Pato Donald –, o helicóptero foi utilizado em assaltos aéreos, suporte à infantaria, transporte de pelotões, operações de resgate, socorro médico e reconhecimento de terreno.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

O Huey foi a expressão máxima da doutrina americana de mobilidade aérea no Vietnã. Com o helicóptero, patrulhas foram enviadas ou resgatadas nos lugares mais remotos. A aeronave também foi valiosa na evacuação de feridos, pois tinha capacidade interna para transportar até seis macas enfileiradas.

FICHA TÉCNICA - BELL UH-1D

Motor/Empuxo
Lycoming T53-L11 com 1.100 HP

Comprimento..........17,6 m
Largura..........2,6 m
Altura..........4,4 m
Peso..........2,1 t

Soldados transportados.....12
Tripulação mínima..........2
Capacidade de carga interna 4,5 t
Capacidade de carga externa (através de ganchos)..........7,2 t

Velocidade máxima..........296 km/h
Autonomia de vôo..........360 km
Teto de vôo (altura)..........3.000 m

Armamento: metralhadora 7.62 mm na porta

O EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS

A soldadesca que combatia no Vietnã era bastante jovem. Os recrutas tinham, em média, 19 anos. Ao desembarcar em solo vietnamita, recebiam um uniforme especial para o inferno das selvas. As botas tinham buracos para permitir o escape de água e sola reforçada para proteger contra armadilhas. Os soldados também carregavam uma capa de chuva e um par de meias extra. Outro companheiro inseparável era o capacete, onde ficavam os pertences mais valiosos, como cartas e cigarros.

M16

Fuzil de assalto leve, era feito em plástico e alumínio. Foi empregado pela primeira vez em fevereiro de 1964.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

O M16 era difícil de manejar e, por isso, causou inúmeras baixas. Suas peças tinham que ser limpas constantemente. Além disso, não podiam entrar em contato com a umidade, o que era praticamente impossível no Vietnã. Resultado: a arma travava e os soldados ficavam à mercê dos tiros inimigos.

FICHA TÉCNICA - M16

Funcionamento	automático e semi-automático
Comprimento	98,6 cm
Calibre	5,56 mm
Alimentação (cartuchos)	20/30 balas
Peso (sem munição)	2,8 kg
(com cartucho de 30 balas)	3,6 kg
Cadência (tiros por minuto)	750
Alcance efetivo	200 m
Alcance máximo	460 m
Velocidade do projétil (inicial)	835 m/s

M60

Metralhadora leve que podia ser carregada até por um soldado – bem ao estilo Rambo. Também podia ser acoplada em veículos e helicópteros.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

A M60 detinha o maior poder de fogo em um pelotão de infantaria. O único problema era que, às vezes, falhava e simplesmente não parava de atirar.

FICHA TÉCNICA - M60

Comprimento	107,7 cm
Calibre	7,62 mm
Peso	8,5 kg
Cadência cíclica (p/min)	100 tiros
Cadência (ininterrupta p/min)	200 m
Alcance efetivo	1,1 m
Alcance máximo	3,75 m
Velocidade do projétil (inicial)	853 m/s

M203

O lança-granada, que podia ser acoplado ao rifle de assalto, foi usado para apoiar ataques, manter posições e lançar sinais de comunicação.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

O M203 supriu uma falha de seu antecessor M79. Antes, o soldado carregava apenas o lança-granada. Se um inimigo surgisse a curta distância, não tinha chance de reação. Já o M203 podia ser acoplado ao rifle. O recruta podia disparar granadas e não ficava à mercê do inimigo.

FICHA TÉCNICA - M203

Calibre	40 mm
Peso	1,36 kg
Cadência cíclica (p/min)	100 tiros
Cadência (ininterrupta p/min)	200 m
Alcance	
(efetivo do alvo específico)	150 m
(efetivo da área)	350 m
(máximo)	400 m
(mínimo de segurança)	31 m
Alcance efetivo	1,1 m

MARK 1 PBR

O barco de patrulha fluvial percorreu as áreas ribeirinhas do delta do rio Mekong, principal artéria do Vietnã do Sul. Suas missões incluíam escolta armada, transporte, reconhecimento e interceptação de embarcações.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

Como o Vietnã do Sul é cortado por mais de 5 mil quilômetros de rios, o trabalho dos barcos fluviais era infinito. John Kerry, candidato democrata das eleições de 2004 nos Estados Unidos, serviu durante 1967 nesse tipo de embarcação.

FICHA TÉCNICA - MARK 1

Motores
2 jatos d'água movidos a diesel

Comprimento	9,4 m
Material	fibra de vidro
Tripulação mínima	4
Velocidade máxima	47,5 km/h

Armamento: duas metralhadoras pesadas .50, uma metralhadora M60 ou lança-granada

B-52G

O B-52 "Stratofortress" era capaz de voar em grandes altitudes, no limite da estratosfera, o que o protegia de interceptadores.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

O bombardeiro foi o pesadelo dos norte-vietnamitas – destruiu diversas fábricas e cidades. Nos campos de batalhas, o B-52 deteve ofensivas inimigas e quebrou linhas de suprimentos. No campo político, os americanos recorreram ao avião militar para forçar concessões norte-vietnamitas na mesa de negociações.

FICHA TÉCNICA - B-52G

Turbinas
8 turbinas Pratt & Whitney J57-P-43WB

Comprimento	49 m
Envergadura	56,3 m
Altura	12,3 m
Peso	2,1 t
Soldados transportados	12
Tripulação mínima	6
Capacidade	221,3 t
Velocidade máxima	956 km/h
Autonomia de vôo	12.077 km
Teto de vôo	12.191 m

Armamento: 4 metralhadoras M2 50

F-4 PHANTOM II

Era um caça-bombardeiro supersônico capaz de voar longas distâncias e interceptar inimigos em altitudes elevadas.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

Versátil, realizava missões de escolta, bombardeio e interceptação. Originalmente, só combatia utilizando mísseis ar-ar e quando não tinha mais mísseis ficava indefeso. Vários foram abatidos por aviões como o MiG 17 (*), que era armado com canhões e metralhadoras. Com a introdução de um canhão de 20 mm no "nariz" do caça, o Phantom tornou-se um páreo duro para as aeronaves inimigas.

*MIG - SIGLA FORMADA PELOS SOBRENOMES DOS DOIS INVENTORES RUSSOS DESSA AERONAVE: MIKOYAN E GUREVICH.

CV59 USS FORRESTAL

O USS Forrestal estreou nos mares em 1955. Foi o primeiro superporta-aviões da Marinha americana, construído para operar com jatos. Seu desenho tinha um deck que permitia aterrissagens e decolagens simultâneas.

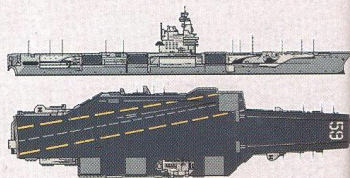
POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

Em 29 de julho de 1967, no deck do navio, um foguete disparou acidentalmente de um caça F-4 Phantom, atingindo um modelo A-4 Skyhawk armado. O avião explodiu e provocou uma reação em cadeia. Vários aviões se incendiaram e o fogo alcançou o porão do navio. Foi o pior acidente do gênero desde a II Guerra Mundial: 134 mortos e 64 feridos. O USS Forrestal participou da guerra do Golfo. Saiu de cena em 1993.

FICHA TÉCNICA – CV59

Empuxo
260.000 hp

Comprimento ....323 m
Tonelagem ....79.300 t
Pista de decolagem ....77 m

Tripulação marinha 3.019
Tripulação aérea 2.480
Aviões embarcados 75

FICHA TÉCNICA - F4 PHANTOM II

Motores
2 GE J79-GE-17

Comprimento ....19,2 m
Envergadura ....11,7 m
Altura ....5 m
Peso ....26.300 kg

Tripulação mínima 2
Capacidade ....221,3 t

Velocidade máxima ....2.305 km/h
Autonomia de vôo ....865 km
Teto de vôo ....18.000 m

Armamento: variável - bombas convencionais, mísseis ar-ar AIM-7 Sparrow, mísseis ar-terra AGM-65 Maverick, canhão de 20 mm.

A-4 SKYHAWK

Criado em 1956, o caça de ataque foi projetado para atender à Marinha, que precisava de um avião para operar a partir dos porta-aviões.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

Desenhado pelo projetista Ed Heineman, pesava a metade do estipulado pela Marinha e possuía asas tão compactas que não precisavam ser dobradas nos porta-aviões. Foi utilizado no inicio do conflito como bombardeiro leve. O Skyhawk teria jogado a última bomba lançada pelos Estados Unidos no Vietnã.

FICHA TÉCNICA - A-4 SKYHAWK

Motores
P&W J-52-P-408ª

Comprimento	12,22 m
Envergadura	8,38 m
Altura	4,57 m
Peso	11,136 kg
Tripulação mínima	1
Capacidade	221,3 t
Velocidade máxima	1.100 km/h
Autonomia de vôo	3.220 km
Teto de vôo	12.880 m

Armamento: variável - 2 canhões Colt Mk12 de 20 mm, bombas convencionais, lançadores de foguetes, mísseis ar-terra AGM-12 Bullpup e ar-ar AIM-9 Sidewinder

VIETCONGUE

Assim os americanos chamavam os guerrilheiros comunistas do Vietnã. A expressão é pejorativa. Recrutados entre os jovens das aldeias, os vietcongues se misturavam aos aldeões, o que dificultava a identificação pelos inimigos. Não usavam uniforme, mas sim roupas comuns, como o popular pijama preto e sandálias. Mestres na arte da improvisação, transformavam velhas pistolas, armadilhas primitivas e até bombas inimigas não detonadas em armas letais.

EXÉRCITO POPULAR DO VIETNÃ DO NORTE

Inicialmente, os soldados vestiam os mesmos conjuntos pretos dos vietcongues. Depois, passaram a usar uniformes verde-oliva, com sandálias de borracha ou botas. Cada soldado carregava um cantil, um cobertor, uma capa de chuva, uma porção de camarão ou frango, 1,5 quilo de sal e 7 quilos de arroz.

RPG 7V

O RPG 7V (Rocket Propelled Grenade) foi a principal arma antitanque dos vietnamitas. Esse lança-granada de origem soviética atingia alvos móveis a uma distância de até 300 metros e o projétil rompia couraças de até 30 centímetros de espessura. O RPG 7V era outro pesadelo dos helicópteros americanos. Também podia ser utilizado como artilharia, uma vez que o projétil explodia cinco segundos após ser disparado.

TOKAREV

A fabricação da pistola foi encerrada pela URSS em 1954, mas a Tokarev TT33 resistiu ao tempo e foi muito utilizada como arma secundária pelos oficiais norte-vietnamitas. Simples e resistente, disparava seus oito projéteis a uma distância de até cinqüenta metros.

MAT-49

A submetralhadora foi utilizada pelo exército francês na guerra da Indochina, em 1949. Com a retirada gaulesa, os vietcongues adaptaram as armas surrupiadas do inimigo, instalando um pente soviético de 35 balas. Era eficiente nos combates a curta distância. E ainda tinha um charme extra: o braço de metal dobrava-se para a frente, deixando-a mais compacta para o transporte.

TYPE 63

O morteiro de origem chinesa foi bastante empregado durante o conflito, devido a sua performance em terrenos irregulares.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

Considerado a "artilharia dos pobres", o Type 63 era um dos menores morteiros do mundo. Podia ser operado até mesmo por um homem sozinho. Os Estados Unidos capturavam a munição desses morteiros e a devolviam de forma original: via helicóptero. O artilheiro lançava o obus no estilo MAD (Mortar Air Delivery – Entrega Aérea de Morteiro).

AK-47

O rifle de assalto, de fabricação soviética, foi empregado tanto pelo exército norte-vietnamita quanto pela guerrilha vietcongue.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

Conhecido como o "rifle dos camponeses", o AK-47 foi a arma da guerrilha. Comparado com o M16 americano, tinha cadência de tiro e mira de qualidade inferior. Mas possuía um alcance maior.

FICHA TÉCNICA – AK-47

Funcionamento	automático e semi-automático
Comprimento	87 cm
Calibre	7,62 mm
Alimentação (clipes)	20/30 balas
Peso	4,3 kg
Cadência (tiros por minuto)	600
Alcance efetivo	350 m
Alcance máximo	800 m
Velocidade do projétil (inicial)	780 m/s

FICHA TÉCNICA – TYPE 63

Funcionamento	automático e semi-automático
Comprimento do cano	61 cm
Munição (obus)	60 mm
Peso	12,1 kg
Cadência (obuses p/min)	20
Alcance	1.530 m
Velocidade do projétil (inicial)	134 m/s

MiG-21

O caça surgiu em 1956, na União Soviética. Sua principal missão no Vietnã foi interceptar a força inimiga em curtas distâncias e em céu aberto. Uma de suas qualidades era levantar vôo em pistas não pavimentadas.

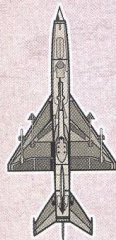
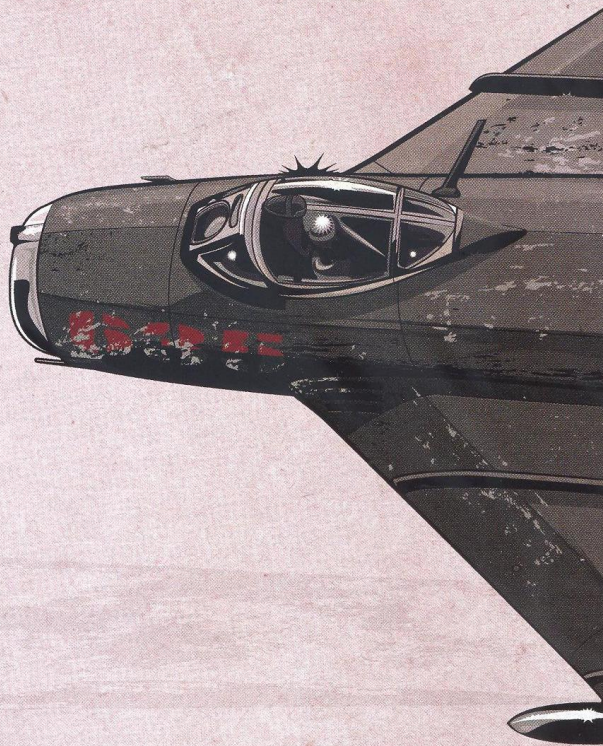
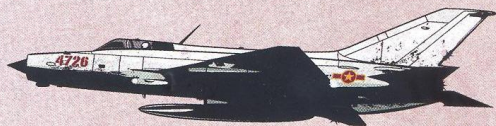
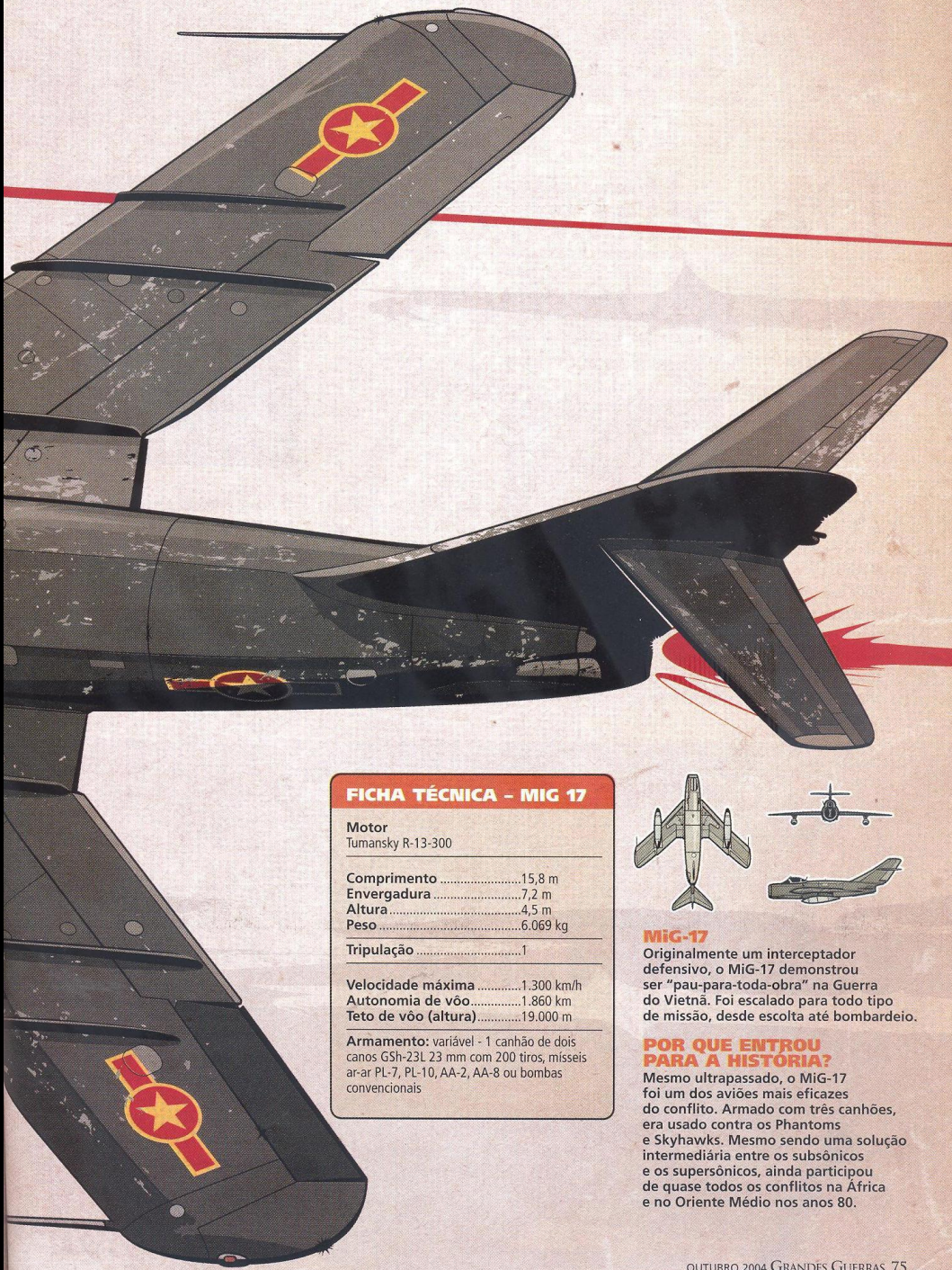
POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?

O MiG-17 era o adversário do F4 Phantom. Suas asas em delta e as sucessivas mudanças em seu instrumental eletrônico acabaram por torná-lo o caça moderno mais produzido no mundo, com 8 mil unidades fabricadas em países como URSS, Tchecoslováquia e China.

FICHA TÉCNICA – MiG 21

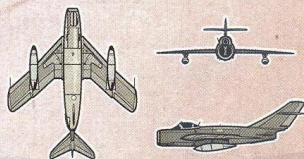
Motor
Klimov VK-1F

Comprimento	11,3 m
Envergadura	9,6 m
Altura	3,8 m
Peso	6.069 kg
Soldados transportados	33
Tripulação	1
Velocidade máxima	2.305 km/h
Autonomia de vôo	1.860 km
Teto de vôo (altura)	17.400 m

Armamento: variável - 1 canhão NR-37D 37 mm, 2 canhões NR-23 23 mm, 4 mísseis ar-ar AA-1 Alkali ou 2 AA-2 Attol

FICHA TÉCNICA - MIG 17

Motor
Tumansky R-13-300

Comprimento	15,8 m
Envergadura	7,2 m
Altura	4,5 m
Peso	6.069 kg
Tripulação	1
Velocidade máxima	1.300 km/h
Autonomia de vôo	1.860 km
Teto de vôo (altura)	19.000 m

Armamento: variável - 1 canhão de dois canos GSh-23L 23 mm com 200 tiros, mísseis ar-ar PL-7, PL-10, AA-2, AA-8 ou bombas convencionais

MiG-17
Originalmente um interceptador defensivo, o MiG-17 demonstrou ser "pau-para-toda-obra" na Guerra do Vietnã. Foi escalado para todo tipo de missão, desde escolta até bombardeio.

POR QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA?
Mesmo ultrapassado, o MiG-17 foi um dos aviões mais eficazes do conflito. Armado com três canhões, era usado contra os Phantoms e Skyhawks. Mesmo sendo uma solução intermediária entre os subsônicos e os supersônicos, ainda participou de quase todos os conflitos na África e no Oriente Médio nos anos 80.

De olhos e ouvidos bem abertos

NENHUMA OUTRA GUERRA MERECEU TANTO A ATENÇÃO DE GRANDES ARTISTAS. PARA MERGULHAR NA INSANIDADE DO VIETNÃ, BASTA PASSAR NA LOCADORA OU OUVIR ROCK'N'ROLL

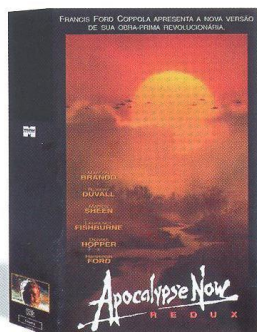
Por André Barcinski

A experiência americana no Vietnã virou tema de incontáveis filmes e inúmeras músicas. As obras refletiam, claro, a visão de seus autores, e por isso trataram o assunto por diversos ângulos, tão variados quanto as opiniões. No início do conflito, quando o país ainda acreditava na guerra, havia poucas letras ou roteiros que se opunham à posição dos Estados Unidos.

Devido à crescente insatisfação da população com os rumos do embate, começaram a surgir trabalhos que questionavam o papel americano na Ásia, especialmente no rock'n'roll. De Jimi Hendrix a The Doors, todos os grandes astros lançaram hinos em prol do lema da época: "paz e amor".

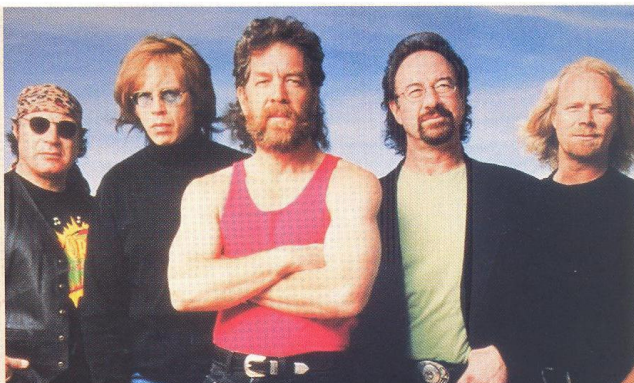
Os cineastas demoraram mais para abordar o assunto, mas, quando o fizeram, demonstraram um talento especial para tocar nas feridas do país. Diretores como Martin Scorsese, Francis Ford Coppola e Michael Cimino, os *bad boys* de Hollywood, surgiram como uma nova força, trazendo para as telas o radicalismo da geração de 1968. A seguir, dez filmes e dez músicas essenciais para entender a insanidade da Guerra do Vietnã.

NA MÚSICA

STAR-SPANGLED BANNER –
JIMI HENDRIX (1969)
Quando Hendrix subiu ao palco para encerrar o Festival de Woodstock e tocou essa versão distorcida e "suja" do hino nacional americano, cheia de microfonia, ele tentou replicar os sons dos campos de batalha. Fez mais que isso: criou o momento musical definitivo de uma geração.

APOCALYPSE NOW (1979)
Direção: Francis Ford Coppola
Espécie de "ópera" sobre a demência da guerra. Coppola filmou em cores gloriosas, com efeitos fotográficos que praticamente transformaram os combates num espetáculo em tecnicolor, numa crítica clara à inconseqüência do país, que parecia ver a guerra como um passeio por uma Disneylândia exótica. Uma obra-prima.

PECADOS DE GUERRA (1988)
Direção: Brian De Palma
Um grande filme, até hoje pouco comentado. Uma das poucas obras hollywoodianas a não tentar justificar os atos americanos usando como desculpa a insanidade da guerra. Ao contar a história de um soldado (Michael J. Fox) que delata companheiros por estuprar uma vietnamita, Brian De Palma mostra que um último suspiro de civilidade pode sobreviver, mesmo no meio de tanta violência e insensatez.

OHIO – CROSBY, STILLS, NASH & YOUNG (1970)
Composta e gravada em uma tarde, foi uma resposta à morte de quatro alunos da Kent State University, alvejados por militares durante um protesto contra a guerra. Uma das letras mais sombrias de Neil Young: "Estamos sozinhos (...) os soldados estão atrás de nós."

WHAT'S GOING ON – MARVIN GAYE (1971)
Gaye fez um disco inteiro que, em vez de dar respostas para a situação, perguntava: "O que está acontecendo?" As letras falavam – por metáforas e simbologias – da época caótica que o país atravessava. Uma obra-prima do soul – e da música política.

FORTUNATE SON – CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL (1969)
John Fogerty, do Creedence, fez outras músicas sobre o Vietnã – *Who'll Stop the Rain* e *Run Through the Jungle*, mas nenhuma tão feroz quanto esta, uma crítica ácida ao favorecimento aos filhos da classe média alta, que quase nunca eram convocados. "Eu não sou um filho sortudo", canta John, com genuína raiva.

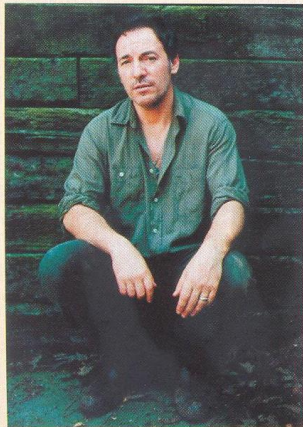
SONS E TELAS

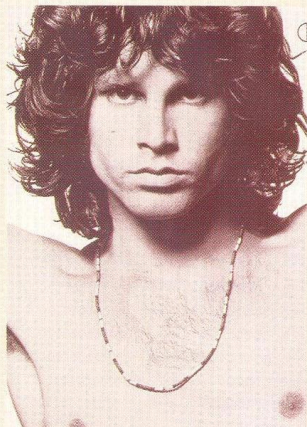
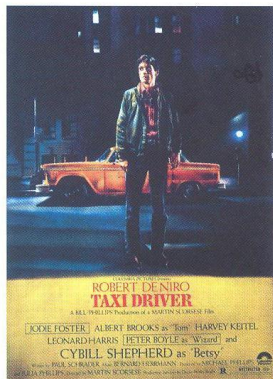
NAS TELAS

PLATOON (1986)
Direção: Oliver Stone
Na contramão da Era Reagan, Oliver Stone – o veterano do Vietnã a dirigir um filme sobre o conflito – chocou o país com seu relato hiper-realista das atrocidades americanas. Três anos depois, ele voltaria à carga, dessa vez contando a história do soldado transformado em ativista pela paz, Ron Kovic, em *Nascido a 4 de Julho*.

A NOITE DOS MORTOS-VIVOS (1968)
Direção: George Romero
Um dos grandes filmes de terror do cinema, é também uma feroz parábola sobre o Vietnã. Ao contar a história de cidades invadidas por um exército de zumbis canibais, que parecem ter vindo de lugar nenhum, o diretor George Romero faz um óbvio paralelo com a invasão americana na Ásia.

O FRANCO-ATIRADOR (1978)
Direção: Michael Cimino
O filme vai e volta, de uma pacata cidade americana – onde jovens se preparam para embarcar para a guerra – até os campos de prisioneiros no Vietnã, onde os mesmos jovens, Robert De Niro e Christopher Walken, são forçados a jogar roleta-russa. Tudo termina de volta aos Estados Unidos, onde as conseqüências de tanto barbarismo finalmente atingem a cidade.

NA MÚSICA

BORN IN THE USA – BRUCE SPRINGSTEEN (1985)
Caso único de música anti-Vietnã que acabou apropriada como hino pela direita americana, especialmente depois que Ronald Reagan a utilizou como tema de sua campanha eleitoral. Springsteen ficou arrasado.

THE END – THE DOORS (1967)
Uma música para sempre associada à guerra do Vietnã, por culpa de Francis Ford Coppola, que a utilizou numa famosa cena de *Apocalypse Now*.

TAXI DRIVER (1976)
Direção: Martin Scorsese
O taxista veterano do Vietnã, vivido por Robert De Niro, enfrentando outra selva: as ruas violentas de Nova York. Na espetacular seqüência climática, vemos o "soldado" escolhendo seu arsenal, e partindo para o ataque contra a "sujeira" das ruas. Fabulosa parábola sobre a volta para casa.

RAMBO (1985)
Direção: George Pan Cosmatos
Na época em que Ronald Reagan ameaçava repetir o Vietnã invadindo Granada e brincando de Guerra Fria, surgiram vários filmes que tentavam ressuscitar o Vietnã. Chuck Norris fez a série *Braddock*, em que um veterano voltava à Ásia para um acerto de contas. Mas o mais famoso dos filmes revisionistas foi mesmo *Rambo 2*, em que o troglodita voltava à selva e agora enfrentava um exército de comunistas assassinos.

OS BOINAS-VERDES (1968)
Direção: John Wayne e Ray Kellogg
Tremendo abacaxi, que tem por atrativo apenas o fato de ser o único filme hollywoodiano da época claramente a favor da guerra. Aqui, John Wayne reprisa seus clichês do "bom soldado" e homenageia o exército americano.

CORAÇÕES E MENTES (1974)
Direção: Peter Davis
Vencedor do Oscar de melhor documentário, foi um *hit* do circuito alternativo e em universidades nos Estados Unidos. Mostra, em entrevistas e imagens de arquivo – muitas chocantes e gráficas –, a carnificina causada pelas tropas americanas. Foi acusado de tendencioso e antiamericano.

AMARGO REGRESSO (1978)
Direção: Hal Ashby
Poderoso drama sobre os efeitos da guerra na vida de uma mulher, vivida por Jane Fonda, que se apaixona por um veterano paraplégico, Jon Voight, enquanto o marido, Bruce Dern, ainda luta na Ásia.

THE BALLAD OF THE GREEN BERETS –
SARG. BARRY SADLER (1966)
Uma das poucas – senão a única – músicas pró-guerra a chegar ao topo das paradas norte-americanas. Sadler, um boina-verde, posteriormente caiu no crime, atirou em duas pessoas e acabou morto a tiros.

BACK TO THE WORLD –
CURTIS MAYFIELD (1973)
Enquanto a maioria dos músicos falava do Vietnã, Mayfield fez um disco sobre uma das conseqüências da guerra: a impossibilidade de readaptação dos veteranos. Uma ópera-soul ambiciosa e socialmente relevante, quase um documentário da experiência negra na Ásia. E depois dela.

I FEEL LIKE I'M FIXIN' TO DIE –
COUNTRY JOE AND THE FISH (1965)
Um dos momentos marcantes de Woodstock foi o hippongo Country Joe cantando esta canção satírica: "Um, dois, três, quatro... Por que estamos lutando mesmo? / Eu não ligo / Próxima parada – Vietnã."

MASTERS OF WAR – BOB DYLAN (1963)
Lançada antes do agravamento do conflito no Vietnã, tornou-se uma espécie de hino dos ativistas contrários à guerra: "Você, que constrói as armas (...) Você, que se esconde atrás de mesas / Só quero que você saiba / Que eu vejo através das suas máscaras."

ARGUMENTO

A guerra dos Estados Unidos

Por **GILBERTO AGOSTINO**

Quando John Fitzgerald Kennedy chegou à presidência, em janeiro de 1961, os Estados Unidos possuíam cerca de 600 conselheiros militares no Vietnã. Seu sucessor, Lyndon Johnson, materializou a chamada "escalada" – ou o envio de tropas e armamentos para auxiliar o governo sul-vietnamita na contenção das forças comunistas. Paralelamente, o comando em Washington estabeleceu as diretrizes de uma guerra aérea com o objetivo de forçar as lideranças de Hanói a negociar em condições desfavoráveis. Em março de 1965, foi desencadeada a Operação Rolling Thunder, uma carga de fogo três vezes maior do que a utilizada na II Guerra Mundial. Os comunistas, por sua vez, informados dos passos do inimigo, já haviam dado início a um programa para deslocar não só a população de Hanói e Haiphong para áreas do interior, como também as unidades fabris e várias outras instalações vitais para a economia do país.

Durante os primeiros ataques, tal manobra angariou importantes progressos, comprometendo a essência da estratégia americana. Ao contrário do previsto pelos analistas do Pentágono, mas perfeitamente consonante com experiências históricas semelhantes, os maciços bombardeios aéreos, muito longe de minar a unidade do país, acabaram por criar laços de solidariedade entre a população das áreas atingidas, estreitando a relação entre os civis e o governo. Conclamados por Ho Chi Minh para enfrentar a maior potência do mundo, cerca de 90 mil norte-vietnamitas, entre eles um expressivo número de mulheres e crianças, trabalharam incessantemente para construir abrigos e reparar instalações e estradas destruídas. Mais uma vez, como ocorrera em momentos críticos do passado, difundia-se o mito da invencibilidade vietnamita.

Apesar do potencial de fogo, logo ficou claro que as ações aéreas não decidiriam facilmente a questão, como se pensara no primeiro momento. Ao longo de 1965, enquanto o presidente Jonhson, contrariando as promessas de campanha, enviava ainda mais contingentes militares à Ásia, os vietcongues ganhavam terreno com ações rápidas e dispersivas. Diante das circunstâncias, o comandante americano Westmoreland colocou em curso uma estratégia baseada em ataques realizados por grandes formações de tropas, lançadas por helicópteros, apoiados pela artilharia e pela aviação, visando desarticular as bases de ação e destruir a infra-estrutura de apoio comunista nas aldeias. Denominadas de "Busca e Destruição" (*Search and Destroy*), chegaram a ocupar, em alguns momentos, cerca de 80% das ações dos batalhões aliados, atingindo amplamente a população civil, que se voltava cada vez mais contra os americanos.

MAIS DE 90 MIL VIETNAMITAS ADERIRAM À GUERRA CONTRA A MAIOR POTÊNCIA DO MUNDO

Nos momentos seguintes, os comandantes americanos em Saigon passaram a destruir as aldeias, consideradas pontos de sustentação dos vietcongues. Em muitos casos, a população local era arrancada de suas casas e mandada para campos de refugiados. A maior parte dessas pessoas acabaria sendo transferida para zonas urbanas, uma estratégia vista como forma eficaz de isolar os camponeses da influência comunista. Uma vez nas miseráveis favelas das cidades sul-vietnamitas, tais contingentes, invariavelmente, voltavam-se contra a presença americana, tida como responsável pela desagregação das mais sagradas tradições camponesas vietnamitas, notadamente a aldeia (*nhá*), que possuía significado equivalente à concepção de nação para os ocidentais. Para estes camponeses, a guerra do Vietnã seria sempre lembrada como a guerra dos Estados Unidos.

*O PROFESSOR GILBERTO AGOSTINO É UM DOS AUTORES DO LIVRO *O SÉCULO SOMBRIO*, DA EDITORA CAMPUS, E LANÇA, EM NOVEMBRO, *O ELEFANTE E O TIGRE – HISTÓRIA DA GUERRA DO VIETNÃ*, PELA EDITORA INTRINTA

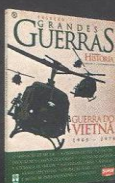
COLEÇÃO GRANDES GUERRAS | AVENTURAS NA HISTÓRIA

NO SEGUNDO VOLUME DA SÉRIE VOCÊ VAI DESCOBRIR QUE...

... a Guerra Fria esquentou no Vietnã. Mais de um milhão de pessoas foram vítimas do embate entre comunistas e capitalistas.

... na Ofensiva do Tet, em 1968, os vietnamitas atacaram mais de cem cidades ao mesmo tempo. Perderam 58 mil soldados, mas atingiram o alvo: a opinião pública mundial.

... em 1975, o maior exército de todos os tempos foi derrotado pela guerrilha vietnamita. Saigon caiu sem resistência – e os Estados Unidos jamais seriam os mesmos.

R. Castelo

PRÓXIMA EDIÇÃO:
GUERRAS DA ANTIGUIDADE

R$ 12,95